

# Coisas Velhas Saídas Da Beira do Túmulo



Raimundo Herculano de Moura

# Coisas Velhas Saídas da Beira do Túmulo



**Copyright – 2002 by Raimundo Herculano de Moura**  
**Projeto gráfico:** Associação Artístico Cultural Lua Cheia  
**Capa:** Antônio Carlos Araújo  
**Ilustrações:** Edson Virginio  
**Diagramação:** José Mário Giffoni Barros  
**Impressão e Acabamento:** Gráfica do INESP  
**Revisão:** Associação Artístico Cultural Lua Cheia

**ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICO CULTURAL  
LUA CHEIA**

Rua Santos Dumont, 588-B – Centro  
Aracati-Ceará  
Cep: 62.800-000  
e-mail: aaclc@secrel.com.br



Catálogo na fonte por Norma  
Marques David de Souza

M926c Moura, Raimundo Herculano de  
Coisas Velhas saídas da Beira do  
Túmulo. / Raimundo Herculano de  
Moura. \_ Fortaleza: Editora INESP,  
2002

181p.;:il.

ISBN: 85-87764-43-8

1- Poesias Brasileiras

CDD 869.1

Todos os direitos reservados a Raimundo Herculano de Moura  
Rua Cel. Alexanzito, 645 – Centro / Aracati- Ceará Cep: 62.800-000

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,  
desde que citados autor e fontes.

**EDITORA INESP**

Av. Pontes Vieira 2391, Dionísio Torres,  
Fone: 277-2911 - fax (0xx85) 277-2914  
CEP - 60.130-241 / Fortaleza-Ceará Brasil  
al.ce.gov.br/inesp - inesp@al.ce.gov.br

## DEDICATÓRIA

À saudade imorredoura da minha querida Anísia Ferreira de Moura. Dos meus pais Manuel César de Moura e Ana Ribeiro de Moura e da minha mãe de criação Francisca do Vale Teixeira. Saudade dos amigos José Palácio de Queiroz e do senhor Renato Caminha, o melhor patrão que já tive.

Ao meu caro amigo e grande leitor Pe. José Sales Barros.

Ao meu amigo de infância e compadre Mário Gurjão Pessoa.

À Desembargadora Huguette Braquehais lembrando o prato de canjica, saudosa lembrança.

Às minhas primeiras netas Fabíola e Flávia e aos meus netos mais novos Érika e Gustavo. Ao meu neto honorário Luã e a todos os demais netos.

Ao Reverendíssimo orador sacro Pe. Monte Alverne, a minha lembrança.

À minha melhor amiga, Maria Stella Morais de Souza.

Ao jovem amigo Marciano Ponciano Virginio.

A todos que contribuíram para que esse livro fosse editado, principalmente ao Grupo Lua Cheia de Teatro que me fez sair do meu voluntário anonimato.

A todos os meus filhos, netos, bisnetos e também àquela que me serve de anjo da guarda sempre a me levar para o templo, Raimunda Lúcia Bernardo da Silva.



## **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

Ao Deputado Wellington Landim, Presidente da Assembléia Legislativa do Ceará, que demonstrou ser homem de cultura achando por bem dar publicidade a este trabalho, fonte de referência para pesquisas sobre o Aracati, tão cantado nesta obra, em verso e prosa.

Ao Vereador Marcos Monteiro pelo empenho e dedicação que disponibilizou a este sonho afim de que pudéssemos torná-lo realidade.

À Professora Célia Bernardo Carvalho que com sua cultura extraordinária se envolveu neste projeto colaborando de forma brilhante com a revisão desta obra.



# INDICE

4	
Dedicatória.....	5
Agradecimentos especiais.....	7
Um Olhar para o Tempo.....	13
Apresentação.....	17

## Poemas ..... 25

Oferta a um pássaro.....	27
O Dia de Minha Morte.....	29
Arrufo e Conciliação.....	30
Os Meus Mais Belos Poemas.....	31
Nenzinha.....	32
Anoitecer.....	33
Teus Olhos.....	34
Meus Vinte Anos.....	35
Perfil de Um Careca Desonesto.....	36
Aracati.....	37
Fachada.....	38
Prematura Saudade.....	39
Saudade.....	40
Que é saudade?.....	41
As Férias.....	43
Tédio.....	44
A Partida.....	45
Rosa de Sangue.....	46
O Amor e a Saudade.....	47
Ao Ver Lágrimas.....	48
Tiradentes.....	49
Meu Diploma.....	50
Minha Última Vontade.....	51
Ao Pagador do Mínimo.....	52
Bastidor de Labirinteira.....	53
Márcia.....	56
O Meu Mulo.....	57
Rosa Fanada.....	59
Em Tudo Vejo o Meu Deus.....	63
Ontem e Hoje.....	65

Festim Macabro .....	66
Súplica ao Anjinho Pardo do Pé Torto, .....	67
Quando da Inundação de Aracati .....	67
Alma de Poeta .....	72
O Enjeitado .....	74
À Minha Mãe .....	80
Contemplando o Jaguaribe .....	81
Contemplando... .....	82
Esperança (Lamentos).....	83
Quando o Silêncio Fala .....	84
A Cara de Santa.....	89
Porto Certo.....	90
Vela de Cera.....	91
Propaganda Política.....	92
“Quadros” Caseiros .....	93
“Quadros” .....	95
O Pobre e o Rico.....	96
Quando se Sofre.....	97
II.....	98
III .....	99
Uma Primavera .....	100
Ao Ver Lágrimas .....	101
A Morte do Poeta .....	102
Anseio .....	103
Perfil.....	105
A Abelha que Morreu.....	106
Mares Agitados .....	108
II.....	109
III .....	111
IV.....	112

**Trovas..... 113**

**Crônicas e outros textos.....127**

Carnaval da Tristeza.....	129
Retalhos.....	134
Um Comentário e Uma Sugestão .....	137
Tipos Populares .....	141
2 de Novembro .....	144

O Último Livro que Li.....	146
Panorama.....	149
Falando à Gratidão.....	152
Dos Filhos do Mar a Dom José Mauro Ramalho.....	153
Associação da Família Zaranza.....	157
Assim é a Felicidade.....	159
Esboço Biográfico de Renato Costa Lima Caminha.....	161
Assombração.....	166
Projeto Poesia na Sacada.....	168
“Memórias de Um Poeta Vivo”.....	174
CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES.....	175



## UM OLHAR PARA O TEMPO

Esboço Biográfico de Raimundo Herculano de Moura (1914)

**Maciano Ponciano** (\*)

Ser poeta é ser louco muitas vezes  
É sorrir e chorar no mesmo instante  
É gargalhar nas horas de reveses  
Pensar na vida quando agonizante.

**Índio Moreno**

Sob uma época banhada pelos dissabores da I Guerra Mundial, nasce aos sete dias do mês de novembro de 1914, na comunidade do Jardim, Fortim, então distrito de Aracati, Raimundo Ribeiro de Moura, filho de Ana Ribeiro de Moura e Manoel César de Moura.

Seu nome fora modificado quando tinha quinze anos. "Eu não gostava do nome Raimundo, viu? Um dia olhando a "folhinha" vi no dia sete de novembro: Santo Herculano. Eu digo: "Ôpa esse aqui é o meu, hein!" (Risos) Aí adotei Raimundo Herculano de Moura. Fui registrado só com Raimundo. Mas depois eu mesmo fiz a petição exigindo o nome Raimundo Herculano de Moura. Era só Raimundo. O que é Raimundo? Não significava nada!"

Em Fortim passa a estudar na Escola de Colônia dos Pescadores (1924-25) sob a orientação da Sra. Maria Maia. No ano de 1929, ingressa como seminarista na Escola Apostólica de Baturité. Sobre esta experiência nos relata: "...Julieta de Mamede era benfeitora da Escola Apostólica e queria mandar Amauri ou José Ribamar (irmãos) que eram alvos. Eu era pretinho. Ela queria demonstrar que a família era toda alva. (Risos) Aí mamãe disse: "Quem vai é Raimundo que é mais dentado." Aí me botaram à força, que eu não queria ir não. Em Baturité a carteira era repleta de livros: Gramática Latina, Crestomatia que eu não sabia nem o que era. Coisas do

Primeiro Ginásial. Eu digo: - Que desgraça! Eu saí do Segundo Primário e me colocam no Primeiro Ginásial. Eu vivia triste lá..." Permaneceu na Escola Apostólica de Baturité até o ano de 1932 quando retornaria ao seu torrão natal desviado pela seca de 1932, que fez a referida escola enviar todos os alunos bolsistas de volta às suas casas.

Em 12 de outubro de 1936, funda o jornal a METRALHA, tendo como redatores Adalísio Newgurpes e José Eugênio da Costa, mas teve uma vida efêmera, pois a circulação da terceira edição foi proibida pelo então delegado de polícia Antônio Nogueira da Costa.

Nos idos do ano de 1932, passa a ser membro do Movimento Integralista em Aracati, liderado pelo senhor Francisco Sabóia Barbosa.

Em 1937, aos 23 anos de idade, escreve sua primeira composição poética, um soneto intitulado "A Partida", vindo a publicá-lo na Revista Iara fundada por Aluísio de Queiroz e patrocinada pelo Centro Estudantil Aracatiense. Cauteloso com a crítica local, resolve assinar o poema com o pseudônimo de "Índio Moreno". Pôde posteriormente, presenciar comentários da obra do tal "Índio Moreno" que foram os melhores por sinal. Com aceitação de sua poética, passa a assinar suas composições com o nome de Herculano de Moura. Segundo suas palavras, o significado da escolha do pseudônimo tivera a seguinte relação: "Tive um pseudônimo com medo da crítica. Índio Moreno porque moreno é a minha cor e o índio é de desconfiado como eu sou."

No dia 04 de fevereiro de 1940, casa-se com a jovem Anísia de Melo Ferreira, vindo após ter o seu nome: Anísia Ferreira de Moura. A celebração de seu matrimônio se deu na Igreja Matriz de Aracati embora seu casamento tivesse sido programado para ser realizado na Igreja do Bonfim. Desse matrimônio nasceram treze filhos: Maria de Lourdes, Maria Régia, Francisco Jacson, Vera Maria, Antônio César, João Bosco, Francisco de Tarso, José Helder, Hélvia Maria, Plínio

José, Vicente de Paula, Soraia Maria e Raimundo Herculano de Moura Filho.

Exercera vários ofícios: Guarda Chefe da Malária; Caixa na empresa Caminha e Cia. do proprietário Renato Caminha e Conferente de Carga de Bordo.

No ano de 1956, é convidado pelo Pe. Antônio Vieira a integrar como membro O Clube Mundial do jumento. Segundo o poeta, este é o único título que faz jus ao seu mérito.

Em 1959 elege-se como vereador pelo extinto Arena, tendo como prefeito daquele mandado o Sr. Ruperto Porto. Legislador numa época em que os vereadores exerciam seu mandato sem nenhuma remuneração.

Em 1961, escreve artigos para o jornal ALVORADA, periódico estudantil cujos redatores eram Kleber Gondim, José Borges do Rosário, José Izaías Bezerra, Caetano Guedes, Inocência Uchôa e Maria de Lourdes Moura.

Em 1964, integra-se ao grupo de redatores de A TRIBUNA DO POVO formado por Dr. Eduardo Alves Dias, José Borges do Rosário, Kleber Gondim, tendo como diretor responsável Abelardo Costa Lima Filho.

Em 12 de abril de 1967, participa como redator, juntamente com o senhor José Borges do Rosário, da GAZETA DO VALE, órgão fundado por Carlos Kramer.

Aos 25 dias do mês de junho do ano de 1984, torna-se sócio efetivo do Instituto do Museu Jaguaribano.

Aos 13 dias do mês de junho de 1985, um sopro de tristeza leva para longe do poeta, Anísia, sua eterna enamorada. Por ironia do destino em sua poesia *“O dia de minha Morte”* escreveu: *“...E minha alma para o céu voando /vê minha noiva branca de saudade/ na minha campa triste, soluçando.”*

No ano de 1990 participa da correção gramatical da Lei Orgânica do Município de Aracati.

Aos 10 dias do mês de novembro de 1991, a União Brasileira de Trovadores-UBT, Secção de Fortaleza, confere o diploma de Menção Especial ao trovador Herculano de Moura pela participação nos Jogos Florais daquele ano com a trova: *“Quase manhã. Alvorada./ O pescador, rumo ao mar,/vai, na lépida jangada,/sem certeza de voltar.”*

Sua história é um livro cheio de lembranças.

**Marciano Ponciano** é poeta e ator.

## APRESENTAÇÃO

### SAUDADE: UM RIO QUE CORRE NA RETINA DO TEMPO

*R. Leontino Filho<sup>(\*)</sup>*

Amorosamente, a saudade se instala no alpendre do tempo, desejosa de novas paixões para mudar o passo das coisas presentes. Na sisudez das horas, já não esconde o cansaço do corpo, a rouquidão do canto e o desassossego da alma. A saudade muda o semblante das estações, instala uma sintaxe de estrelas e expõe seus vincos com a alquimia dos sonhos. A saudade banha-se no rio de todas as infâncias, pula as cercas vivas do pensamento, guarda a limpidez das primeiras águas, roça a linha divisória da melancolia suave e dilacerante, sublima a sombra dos sentimentos patéticos, delinea o sentido primordial das perdas e, no limiar da viagem, dissolve a fragrância errante do necessário amor. É, sempre, a comoção da partida e a celebração da chegada. Transitoriedade e sofrimento nunca faltam no seu alforje. Realidade e fantasia descem a ribanceira de sua gramática existencial. Razão e irrazão palpitam, como súplica, em sua febre de encontro. Liberdade e tirania misturam-se ao *script* das ausências azulejadas. Ao redor dos dias, a saudade reboca o chão forasteiro de cada reminiscência e acumula as lições do tempo. De quantas saudades é feito o homem? De tantas quanto a vista captura. De tantas quanto o desejo morde. De tantas quanto a dúvida decifra. De tantas quanto o calendário rebenta. De tantas quanto a dor soçobra. De tantas quanto a escrita exhibe. De que saudade é mesmo feito o homem? De uma que desponta ao longe e que destranca as portas do destino, lustrando em *chiaroscuro* a vigorosa substância da memória: a flor que flora no canteiro da lembrança – a poesia.

Regar o canteiro do esquecimento para assegurar a justa transação do velho com o novo, do passado com o presente, eis a tarefa que cabe ao poeta. Argüido pelos ventos, o poeta repara os seus muros de conquistas e derrotas e lapida a sua crônica de abraços. Lê na grafia dos brotos, o propósito das perdas, nomeia as coisas, ciente da própria friagem dos nomes e entrega-se, sem receio, ao chamamento da dura lida do humano amor. Tatuado por lembranças, o poeta, na rota escalavrada do tempo, engendra seu refúgio de espantos quando espalha suas carícias na cidadela da infância entardecida do outro. Pelo lado de dentro da poesia, o poeta, de mansinho, apalpa suavemente a saudade, conspiradora eterna da beleza e do medo. Na expressão lírica do vate, imenso é o rio que não teme o mar, mas que a ele se alia para proporcionar mil devaneios, numa espécie de espetáculo de lembranças, vastas velas de recordações. O rio, com o seu corpo de amor e sua linguagem de paixão, vigia a memória do mar e invade, pelas frinchas das ondas, a miragem de afetos recém-nascida das oferendas das águas. Saudade e rio, poesia e mar, veredas na constelação da língua do poeta que borda, à revelia do tempo, cada verso, cada linha, do outro lado da multidão. Com requintes de abnegada devoção o ser poético se instala na ranhura dos acontecimentos, fazendo brotar o começo e o fim da perene dívida com as suas inquietas lembranças. O sentimento avassalador que o impulsiona espalha pelos cômodos do passado a serena crueldade do rio que soluça na varanda do mar. Cada rio e cada mar são quase rezas no intervalo das ondas de saudade que o poeta desnuda. Desnudar a saudade, decantar o tempo, destilar as dores do mundo, manter acesa a língua que governa o mapa dos mistérios, enfim, convocar o silêncio da prece e penetrar no conluio de sombras da existência, são as principais e mais relevantes tarefas do poeta que acena para o futuro de cor cambiante e rala plumagem de esperança.

Na realidade, esse longo e manhoso intróito sobre a saudade, objetiva tão-somente traçar algumas palavras a respeito de um livro importante e fundamental para o entendimento do que vem a ser uma verdadeira vocação poética. Utiliza-se, aqui, o termo vocação com todo o risco que a palavra traz em si de incompreensões e mal entendidos, afinal de contas determinados vocábulos parecem, às vezes, cair em desuso, ou melhor, em descompasso com o 'reino surdo' dos sentidos – o dicionário –, quando minados pela praticidade desvairada da hora presente, não possuem mais asas para as utopias, e se há um estreito parentesco lingüístico entre as palavras, um deles, certamente, pode ser estabelecido entre vocação e sonho, pois, todo sonhador é um ser vocacionado e que faz de suas esperanças a rota para a transformação da vida. O livro em questão intitula-se ***Coisas velhas saídas da beira do túmulo***, um denso inventário pelas contingências do amor, da tristeza e da revolta, tudo isso mesclado pela submersa saudade do poeta. O poeta chama-se Raimundo Herculano de Moura (1914) que, com sábia humildade e destemida calma, gera os seus pungentes versos fundindo os contrários do amor e da descrença. A idéia central de sua poesia pode ser capturada no célebre soneto de Augusto dos Anjos, *O lamento das coisas*, quando o universal autor do ***Eu*** celebra, a contrapelo, a transcendência não realizada, a luz que não chega a ser lampejo, em síntese, a natureza chorosa estacionada na planície do desejo. Pelo próprio título do livro, ***Coisas velhas saídas da beira do túmulo***, a afinidade com Augusto dos Anjos suscita outras referências: o nascimento de novas cosmogonias do amor, o ocaso da matéria, a crença e a descrença no ser humano, a morbidez plangente dos relógios, o martírio da solidão, a voz dolente de todas as ausências, o exílio cravado no dorso da aurora, as prolongadas reticências dos tormentos e, por fim, a saudade que habita o ventre tardio das súplicas. O poeta é, desse modo, um construtor de sombras, um arquiteto de névoas, um fabricante de casulos,

um inquilino das paisagens, um cigano – meio trôpego – das noturnas esperas.

O livro *Coisas velhas saídas da beira do túmulo* abrange mais de 60 anos de uma rica e devotada cumplicidade com os mais humanos sentimentos. Numa clara demonstração de que o homem é uma espécie de arco-iris de emoções quando atravessa o campo em flor das dores e das alegrias que o mundo oferece. Raimundo Herculano de Moura, em seu solitário gesto de poeta, observou com hábil mão de mestre, as aderências da infância, as desgovernadas aventuras da adolescência, os inexauríveis caminhos da maturidade e a psicologia da senectude. Com tudo isso, sobre a mesa dos anos, elaborou o memorial das lágrimas e dos sorrisos e fez do ofício íntimo da saudade a parábola crepitante do longínquo viver. A verdade de sua poesia principia na hora do repouso e aquece o clima das vontades de lembrar. Lembrar as trilhas percorridas, as ginásticas para alcançar um pouquinho de felicidade, os manuais empoeirados do amor que soam feito guizos de priscas eras. E, também, deslembrar, esse exercício de não esquecer, de desaprender para melhor aprender as coisas e decifrar os gestos. O que se esvai nos escritos do poeta corta rente aos escombros da realidade e firma o pacto com a imaginação. Imaginação que se esparrama entre as margens do rio da infância, sentindo a brisa inebriante do tempo e experimentando a nostalgia das mudanças. Imaginação que contorna o mar de afeto prenhe de melancolia e tristeza. Um mar que é pura vivência e que consegue catalisar todas as experiências do coração da memória. O poeta é o coração da memória, sempre. Pois, dos camarins da vã futilidade humana e da borra das coisas, ele consegue extrair a breve paz dos eleitos. O seu sotaque é inconfundível, sob o signo da urgência, interessa-lhe o vertiginoso processo da ambigüidade típica do lirismo: algo que se constrói com a argamassa de vertentes trágicas e dramáticas. O lirismo guarda o emblemático olhar da solidão

e, é quase certo, que o mais intenso diálogo do homem, aquele que provoca as mais gritantes e desafiadoras questões, está intimamente associado à solidão. Toda construção poética, digna de ser chamada poesia, é fruto da solidão e do pesadelo histórico das multidões.

A obra de Raimundo Herculano de Moura, composta em sua esmagadora maioria por poemas que versam sobre o transcorrer do tempo e os embates amorosos, estes associados a pessoas, a lugares e mesmo a coisas, é o retrato bem construído de uma vida toda ela dedicada a contemplar as pequeninas inscrições essenciais da existência. Seja por meio de poemas, de trovas e de algumas crônicas, o poeta ocupa as zonas fronteiriças da escrita com recursos estéticos que combinam com desenvoltura a sensação íntegra do dever cumprido: externar poeticamente a materialidade da língua agindo no corpo da linguagem. Em todos os poemas compilados ao longo de mais de 60 anos de reclusa atividade, três marcas estilísticas ressaltam no livro. Acentuando de início a carga lírica dos textos, bem como, a extrema individualidade do autor que de maneira lúcida e corajosa conseguiu passar ao largo dos modismos passageiros e das novidades textuais tão comuns em tempos de ocas tentações. Resguardando, no entanto, olhares profundos e sensíveis para as dores de seu semelhante que durante muitos anos sofreu na carne com as intempéries do destino e com o desatino dos homens. A poesia de Raimundo Herculano de Moura é sem arestas, cultivada que foi sem os espinhos da vaidade – essa planta tão daninha e maléfica aos valores da arte, em especial, da poesia. Pois muito bem, é mister assinalar de uma vez por todas, as três principais preocupações estéticas percebidas nos grotões da poemática saga do vate cearense: 1) o domínio do ritmo que singulariza a melodia dos versos, cada poema é quase um canto, o retorno aos primórdios da poesia; 2) a criteriosa seleção de palavras que compõem os textos, não se percebe nenhum descompasso entre o que é dito e o

modo como é dito – o artificialismo das intenções é negado pela pureza das expressões e 3) a ênfase na narração, uma forma de recuperar sempre que possível, a força telúrica dos acontecimentos sem os mecanismos tergiversantes do mero beletismo.

Vale ressaltar, a título de ilustração, alguns poemas que mais de perto realçam cada traço acima descrito. No primeiro bloco, inscreve-se a totalidade dos poemas, o ritmo melódico faz-se com a intermediação de tons variados, a cadência de sons funde-se com o notável balanço das palavras e revigora a substância sonora de cada linha, de cada estrofe e de cada poema. Provavelmente, o exemplo mais acabado da rica melodia presente em *Coisas velhas saídas da beira do túmulo* seja o belíssimo poema *Bastidor de labirinteira* que, além da multifária presença de diversos tons, exprime uma delicadeza erótica bastante sutil. No tocante à seleção de palavras, há um esforço permanente por parte do poeta de não submeter o seu leitor aos desarranjos de uma falsa erudição. Noutras palavras, ele jamais compartilha da tese de que a robustez do poema está no hermético jogo lingüístico, mesmo porque, cada palavra é semente de novas interpretações, importa adequá-la da melhor maneira ao sentimento que se deseja exprimir, mesmo que para tanto, às vezes, receba a pecha de ingênuo. Quantas vezes, os quintanares não foram tachados de ingênuos e de igual modo, as andanças de Cora Coralina pelos becos de Goiás Velho foram vistas como simples elucubrações de uma observadora inocente, só muito depois, é que foram reparar que por detrás da máscara da simplicidade existia e existe uma metafísica que poucos conseguem enxergar. Vários poemas que falam sobre a saudade, entre outros, *Saudade*, *Que é saudade?* e *Prematura saudade* resumem o exercício lingüístico do poeta e a sua concepção metafórica do termo saudade – o vasto rio do tempo. Por fim, chega-se ao terceiro traço, o que diz respeito à narratividade da poesia, tão bem expressa em dois longos e

comoventes poemas *Rosa Fanada* e *Súplica ao anjinho pardo do pé torto, quando da inundação de Aracati*. Este último revive a dramaticidade da enchente de 1974 que assolou a cidade de Aracati e provocou tragédias coletivas e individuais de vastas proporções. Pela ótica do poeta, o desenrolar dos acontecimentos faz-se com a dramática e enternecida história de um anjinho – a crença do autor fortalece sua disposição em relatar os infortúnios desse inocente ser tragado pelas malhas do destino. Mais forte do que a queda é a fé que atravessa oceanos e gera novas esperanças. Nas asas do singelo personagem, o poeta ergue sua catedral metafórica e planta nas encostas do amado rio, um céu plissado de estrelas.

Não bastassem os mares agitados de poesia inseridos em *Coisas velhas saídas da beira do túmulo*, Raimundo Herculano de Moura singra, com desenvoltura e ludismo, as encostas burlescas e satíricas do fazer poético por meio de algumas dezenas de trovas. O trovador destila seu humor ferino quando rascunha em quadras de perfeita técnica a singularidade de sua visão de mundo. O trovador é, a partir de então, uma espécie de cronista ligeiro do amor, da felicidade, da tristeza, da revolta, da esperança, da fé, da descrença, do pessimismo, da angústia, da melancolia. Enfim, das coisas miúdas que estão sempre ao rés-do-chão, como aquela flor furando o asfalto, sem ninguém perceber, a não ser os olhos do poeta *gauche* da vida. E é no dorso da memória que o trovador transmuda-se em hábil cronista, narrando, registrando, comentando e sugerindo as coisas e as pessoas que o cercam, os livros que leu, as tristezas que o marcaram, os cortes e os recortes da vida, a gratidão que não murcha jamais e a peregrinação dos anos na léngua rude dos caminhos. A um só tempo, poeta, trovador e cronista três faces arremessadas, com sabedoria e sensibilidade, no alpendre de todos os feitiços.

Conclui-se, com a leitura de *Coisas velhas saídas da beira do túmulo*, que o poeta é um peregrino da saudade.

Saudade, sentimento tão misterioso e inebriante que corre na retina do tempo, perfazendo feito caracol, a mítica viagem ao redor de si mesmo. A saudade é um rio que por vezes atende pelo nome de Jaguaribe, quiçá muito mais belo que o Tejo, pois que é o rio da aldeia do poeta e a aldeia do poeta guarda os tesouros assombrados de todos os exílios. A saudade é um vento que por vezes atende pelo nome de Aracati, a terra que estende suas raízes e carícias no abismo distante das calmarias. A saudade, já o disse com saborosa sabedoria o excepcional ensaísta português Eduardo Lourenço: “A saudade (que mais podia ser?) é apenas isto: a consciência da temporalidade essencial da nossa existência, consciência carnal, por assim dizer, e não abstrata, acompanhada do sentimento subtil da sua irrealdade”. A carnalidade do tempo se sobrepondo a tudo que é reles aparência. Para o poeta resta apascentar, como sentinela dos sonhos, os rumores do vento aracati e se deliciar nas águas do Jaguaribe, o rio que de veias abertas ampara cada milimétrica saudade de seus filhos. *Coisas velhas saídas da beira do túmulo* é, em suma, a miragem entardecida da plena consciência da saudade, é a rapsódia frondosa de amores noturnos, é o mágico substrato das águas que correm pelo corpo reticente dos adeuses. É mutação à beira da vida, agora e sempre.

**R. Leontino Filho** é poeta e professor.

Autor de *Sagrações ao Meio* e *Cidade Íntima*, ambos de poesia.

# Poemas



## OFERTA A UM PÁSSARO

### À minha noiva

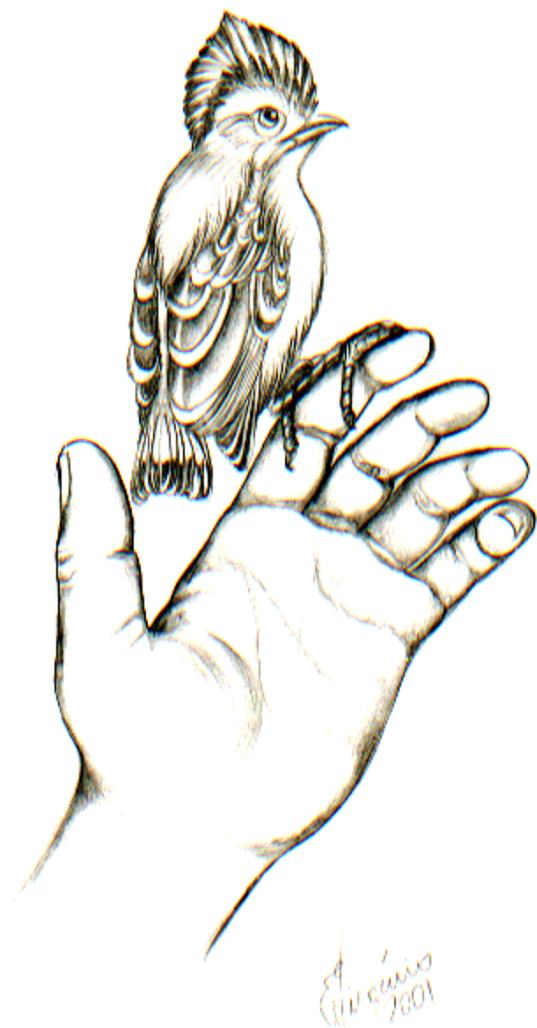
O pássaro mimoso que te oferto,  
É a imagem perfeita de minha alma.  
Nas horas de pesares e de calma,  
Tendo-o nas mãos, de mim estarás perto.

Olha, ele sabe uma canção sonora,  
Que lhe ensinou, implume, a natureza.  
Quando me vires no auge da tristeza,  
Presta atenção, ele não canta, chora.

Trata-o bem, minha Anísia, e com cuidado.  
Ele parece até minha pessoa:  
Vive constantemente amargurado.

Ele é órfão como tu, minha querida,  
Necessita, também, de uma alma boa  
Que ampare com bondade toda vida.

Aracati – 1939



## O DIA DE MINHA MORTE

Blão... Blão... Blão...  
Afinado plange o sino...  
A triste voz do bronze secular  
Reclama a minha vida, o meu destino,  
Que a fera morte acaba de roubar.

Ao negro som deste hino de amargura  
Que enche a cidade de mortal pesar,  
Meus saudosos amigos, devagar,  
Levam meu corpo para a sepultura...

Eis-me, agora, na escura soledade,  
Com minha carne o verme alimentando;  
Um esquecido, enfim, da humanidade.

Porém minha alma, para o céu voando,  
Vê minha noiva, branca de saudade,  
Na minha campa, triste soluçando...

Fortim – 1938

## ARRUFO E CONCILIAÇÃO

Depois de ligeira teima,  
Arrufado deixo o quarto,  
Abro a porta de saída  
E, hesitante e triste parto.

Mas, à noite, arrependido,  
Supondo que ela me chama,  
Retorno e vamos dormir  
Juntinhos na mesma cama...

Assim, voltamos à calma.  
Eu a venero, ela me ama.  
Nós unidos de corpo e alma,  
Sorrisimos na mesma cama...

Nessa conciliação  
Referta de amor e brilho,  
Foi gerado, finalmente,  
O nosso primeiro filho.

Nove meses decorridos,  
Eterno amor nos inflama,  
Porque nasceu nosso filho,  
Chorando na mesma cama.

Hoje, isentos de deslizes,  
É sublime o panorama:  
Os três sorrisimos felizes  
Brincando na mesma cama.

## OS MEUS MAIS BELOS POEMAS

Os meus poemas, os meus mais belos poemas,  
São umas jóias de primores  
De raro valor literário,  
Capaz de enfrentar e resistir sem receio  
Às mais acuradas e rigorosas críticas.

Vazados em sábia e ajustada filosofia,  
Contêm os mais sublimes pensamentos  
Da inteligência humana  
E o místico sentimentalismo  
De todos os corações torturados  
E de todas as almas nobres do universo!

São escoreitos, melodiosos, puros  
Como jamais alguém pôde escrever!

Eu mesmo sou incapaz de recitá-los  
De viva voz, porque são mudos:  
Foram forjados no absoluto silêncio  
Das minhas solitárias noites  
De insônia e desespero,  
E gravados com tinta cor de sangue  
Nas rubras páginas do meu coração.

Os meus poemas,  
Os meus mais belos poemas,  
Urdidos de primorosos versos,  
Ainda são mais lindos  
Ainda são mais tersos  
Porque, intimamente,  
Constantemente os sinto,  
Porém jamais pude escrevê-los.

## NENZINHA

Arca doirada, de beleza cheia,  
Gentil donzela, divinal morena,  
Tens perfume grato de açucena,  
Meu coração, a palpitar te anseia.

Tens uma voz melíflua de sereia,  
És de beleza um liral poema,  
Tens a graça franzina de Iracema  
Palmilhando do ipu a fulva de areia.

És o enlevo da pátria de Alencar,  
És a musa feliz do meu cantar  
És a deusa, és toda a glória minha.

És um espelho de virtude, puro,  
És a estrela feliz do meu futuro,  
És a minha vida, és meu amor, Nenzinha.

## ANOITECER

Na sepultura do ocaso,  
Tomba o sol agonizante...  
Um raio de luz, sequer  
Risca o espaço nesse instante.

A aragem leve cicia  
Na folhagem do arvoredo.  
A tristeza invade tudo,  
Enchendo a gente de medo.

O sino lamuriante  
Da capela solitária,  
Badala, como entoando  
Uma canção funerária.

Enquanto a noite prossegue,  
Baila no ar um rumorejo.  
Pensativo ergo os meus olhos  
E, à distância, apenas vejo.

As estrelas luminosas,  
Lá nos páramos escampos,  
Pontilhando a noite escura,  
Qual bando de pirilampos.

## TEUS OLHOS

Os teus mimosos olhinhos  
Cheios de excelsa bondade,  
São de amores dois ninhos,  
São dois pingos de saudade.

É tamanho o seu fulgor,  
É tão grande o seu encanto,  
Que, ao fitá-los sinto amor,  
Amor forte, casto e santo.

São buliçosos, risonhos,  
Lindos como os de Iracema;  
São ledos, fagueiros sonhos,  
São de beleza um poema.

## MEUS VINTE ANOS

Entusiasmo, vigor, disposição,  
Tudo me sobra e me conforta a vida!  
O amor desponta no meu coração  
Tão fértil qual roseira re florida!

Um mar vibrante de fascinação  
Tem na minha alma perenal guarida,  
Sinto que a vida é juvenil canção,  
Meu coração celestial ermida!

A vida canta e embala-me a sorrir!  
Galhardamente aprumo o jovem busto  
E vou marchando em busca do porvir.

Morte, prisão, nada me causa susto,  
Vez que mantenho pra me garantir,  
Mente rebelde e coração robusto.

Fortim/Aracati –1934

## PERFIL DE UM CARECA DESONESTO

Alma de corvo, de instintos bestiais,  
És sugador do pão do miserável;  
Em todos os sentidos detestável,  
Tens a ferocidade dos chacais.

Não tens cabelos nem tens ideais,  
Só tens uma conduta abominável,  
U´a língua viperina, indesejável,  
Bem hábil na mentira, e nada mais.

Tua alma é denegrada de delitos!  
O roubo é, para ti, uma conquista!  
E a quantos pais não tens tornado aflitos!

Teu coração de avaro é um “cavaco”,  
Se pressinto cerro logo a vista,  
Pra não ver tua cara de velhaco.

## ARACATI

À margem do Jaguaribe  
Soluçante e a murmurar,  
Tua geografia exhibe  
Um panorama sem par.

Meu querido Aracati,  
Como é bela a lua cheia  
Debruçada sobre ti  
Com seu clarão que prateia.

Os teus vultos imortais,  
Que povoam nossa história,  
São glórias nacionais  
Brilhando em nossa memória.

Teus sobrados de azulejo  
Recordam a tua história,  
E agora neles revejo  
O teu passado de glória.

## FACHADA

Prédio de bela aparência  
E magnífica fachada!  
Parece haver opulência  
Naquela régia morada.

Pintura moderna e rica  
Que a todos chama atenção!  
Mas abismado se fica  
Ao entrar no casarão.

Onde, a gosto o lixo cresce,  
A poeira cobre tudo  
E a fuligem té parece  
Negro manto de veludo.

Há no mundo muita gente,  
Tanta gente semelhante  
Desse prédio à rica frente:  
Por fora falso brilhante.

Casimira, tropical,  
Tudo mais que engana a vista;  
Mas lá dentro impera o mal,  
Que a honestidade contrista.

Por fora gala, perfume,  
Em requintada opulência,  
Porém na alma não há lume  
E é um charco a consciência.

## PREMATURA SAUDADE

O Aracati  
Tem uma índia mimosa,  
Toda enfeitada de rosa,  
Que vive sempre a cantar.

Ela é morena,  
É linda como Iracema,  
E tem no sorriso um poema  
De pulcritude sem par.

E suas mãos,  
Bem róseas e pequeninas,  
São duas meigas boninas,  
Elos de felicidade.

Essa morena,  
De Aracati vai embora,  
Por isso já sofro, agora,  
Uma infinita saudade.

Aracati – 1936

Essa morena,  
Tão linda, cor de canela,  
Se hoje ela fosse viúva,  
Eu me casava com ela.

Aracati – 1995

## SAUDADE

Oh! Saudade, dos meus tempos de criança,  
Minha vila Fortim, berço encantado,  
Meu caro avô limpando o seu roçado,  
Libando no labor farta bonança.

Eu no terreiro, olhando extasiado  
Minha materna avó, fazendo trança,  
E a vaquinha “Varanda”, muito mansa,  
Mugindo triste, dentro do cercado...

Saudade... Aquela garça branca, exangue,  
Eu em cujo olhar uma tristeza mora,  
Olhando, queda, o balouçar do mangue...

Saudade, o Jaguaribe soluçando,  
Beijando as alvas praias onde, outrora,  
Eu vi a meiga Juraci cantando...

## QUE É SAUDADE?

Saudade é um sentimento  
Indescritível, indefinido e forte,  
Que invade a alma e o coração da gente  
No momento de um adeus  
E nos tortura em dias de ausência.  
É tão aguda a dor de uma saudade,  
E o martírio que nos causa é tanto,  
Que, em séculos transforma um só minuto,  
E muitas vezes nos arranca aos olhos  
Sentidas pérolas de pranto.

A saudade é profunda e indecifrável  
Como um mistério,  
E não tem berço nem destino certo:  
Nasce nos corações apaixonados,  
E na face dos tristes se revela;  
Arde nos olhos e na alma dos que partem,  
E no peito dos que ficam sem demora;  
Nos lares onde há viuvez e orfandade  
Ela se aninha, suspira, geme, chora,  
E depois, vai, entre sombras de tristeza,  
Repousar num cemitério,  
Ao pé de uma cruz tosca, solitária  
E talvez desprovida de flores...

É bem difícil se prever a duração de uma saudade,  
Porque ela corre parelhas com a ausência,  
Sua irmã e companheira,  
E desta só se aparta  
Na hora feliz do reencontro  
De duas almas nobres que se amam.  
A saudade só fenece, a saudade só nos deixa  
Quando a ausência finda.

Eu sinto hoje uma saudade imensa  
De minha juventude que se foi,  
Mas não sei definir o que é saudade,  
Esse doce pungir tão decantado em versos,  
Misto de esperança e desalento,  
Arminho que afaga, oceano que afoga,  
Vácuo que transborda o coração  
E faz a gente chorar, sofrer, amar,  
Sem achar uma palavra que a traduza.



## AS FÉRIAS

Já no começo de junho,  
O estudante bem ativo  
E ainda de livro em punho,  
Sente um prazer mais vivo,

Quando se lembra das férias.  
Com sua cabeça em brasa,  
Relê todas as matérias  
Só pensando em ir pra casa.

De si para si exclama  
Como imensa ansiedade:  
“Por que não vêm essas férias  
Pra matar minha saudade?”

Chega o dia desejado.  
Sua alma é jardim de flores,  
Mas sente sempre saudades  
Da turma e dos professores.

Alegre, arruma a carteira,  
Sorrindo prepara a mala,  
Despede-se na carreira  
E, lá no ônibus, se instala...

Chega a casa; abraça os pais  
E chama um dos camaradas,  
Pra caçar nos matagais  
E lá se vão de mãos dadas.

E nisto se esvai o tempo  
De gozo e felicidades,  
Até o dia do retorno  
Que lhe traz novas saudades.

## TÉDIO

A trabalhar, qual asno nordestino,  
Vi passar minha triste adolescência.  
De minha puerícia na inocência  
Morava, oculto, o fel do meu destino.

Cresci. Foi-se-me a vida de menino.  
Tranqüilo e calmo, apenas na aparência,  
Inda me abrasa a ilimitada ardência  
Do dissabor e tédio que malsino.

Minha dor é letal como a agonia  
Do mar, que brame, geme e não se achega  
À dureza da altiva serrania.

Hoje, tremendo medo a mim se apegas,  
Não da morte que espero todo dia,  
Mas do dia que espero e nunca chega.

## A PARTIDA

Choro... uma nuvem densa, de tristura,  
Pelo meu peito amargurado voa,  
Meu coração a palpitar entoa  
U'a flébil salmodia de amargura.

E dos meus olhos, uma gota pura  
E cristalina, tristemente ecoa;  
Na minha alma o trovão da dor reboa,  
Tudo pra mim é mágoa, é desventura...

E tu partes, querida, para longe.  
Oh! nefando, ó fatal realidade!  
O desengano no meu peito plange...

Agora, só me resta a soledade:  
Tenho na face a palidez de um monge  
E chora no meu peito uma saudade...

## ROSA DE SANGUE

Foi numa tarde pálida de maio,  
Quando eu a vi pela primeira vez:  
Tinha na face a sombra de um revés  
E a profunda tristeza de um desmaio.

Como impelido por fulmíneo raio,  
Preguei-lhe um beijo na mimosa tez,  
Ao calor do meu ósculo de ensaio.

Mas fuge o tempo, célere, depressa,  
E eu fui revê-la, enfim, no mês de agosto.  
Tuberculosa... Assim saudou-me opressa.

E assim, tossia de desgosto;  
E, me beijando, ela deixou impressa  
Uma rosa de sangue no meu rosto...

## O AMOR E A SAUDADE

Um dia sai dos lábios do infinito,  
Imensa hóstia de luz – o sol nascente,  
A derramar o seu clarão bendito  
Sobre o universo, criação recente.

A natureza sentiu tanta alegria,  
Era tão forte e belo o seu fulgor;  
Que Deus, aprimorando o que fazia,  
Criou ainda um outro sol – o Amor;

Mas o sol morre, eis do ciado a sorte.  
À noite, surge a lua. A claridade  
É muito bela, porém menos forte:  
E assim nasceu a perenal saudade...

Um, mora n'alma, outro no coração.  
Ambos, enfim, são criação de Deus.  
Tendo entre si estreita ligação:  
Se um geme: "eu parto", o outro suspira: "adeus"...

## AO VER LÁGRIMAS

Ontem, tristonha, mui tristonha e bela,  
Com um lindo vestido cor-de-rosa,  
Tu parecias, Refulgente Estrela,  
Uma rainha meiga e donairosa.

Mas, nos teus olhos vi brilhar o pranto,  
Pranto de angústia, de infinita dor,  
E assaltou-me, Laurinha, grande espanto,  
E por ti eu senti mais forte amor.

Se eu te causei essa tristeza imensa,  
Se eu fui a causa desse teu pesar,  
Dá-me um riso teu por recompensa,  
E me perdoa se te fiz chorar.

## TIRADENTES

Vinte um de abril de mil e setecentos  
E noventa e dois. Entre a multidão  
Surge, sereno, em trajos alvacentos,  
Da independência o nobre cidadão.

No Campo São Domingos. Pensamentos  
Sublimes, de grandeza e redenção,  
Amenizam os duros sofrimentos  
Que lhe ferem, de cheio, o coração.

Seus olhos soltam chamas reluzentes;  
Não lhe causa temor a iniquidade,  
Nem o amedronta o peso das correntes;

Fita o carrasco, e, com serenidade,  
Beijando o Cristo, morre Tiradentes,  
Trocando a vida pela liberdade.

## MEU DIPLOMA

Nunca cursei FACULDADE  
Nem de Paris nem de Roma,  
Mas tive a felicidade  
De ganhar este DIPLOMA,

Mimo do Padre Vieira,  
O amigo do Jumento,  
Associando-me à Cocheira  
Iguatuvina. Que alento!

Sem possuir documento  
De qualquer Curso Escolar,  
Ser Parceiro de Jumento  
É o que eu podia esperar.

Não digo por brincadeira,  
Mas me sinto bem feliz,  
Sabendo que na Cocheira  
Há outros de alto matiz.

## MINHA ÚLTIMA VONTADE

Com esta idade tão alta,  
Que na verdade é velhice,  
“Aquilo que é bom já me falta”,  
Mas não tenho caduquice.

Minha tão longa existência,  
Com todos pecados meus,  
É simplesmente clemência,  
E suma bondade de Deus.

Apesar de ser RAIMUNDO,  
Tratam-me Herculano;  
Se ainda vivo neste mundo,  
É por ser escorpiano.

Na Faculdade da Vida,  
Eu fiz Curso de Mestrado,  
Ganhando na dura lida  
Diploma de aposentado.

Quando terminar meu fado,  
Numa calma e fria lousa  
Desejo ser sepultado  
Ao lado da minha esposa.

Como sou homem de fé,  
E a morte corre veloz,  
Que faça meu epitáfio  
O amigo Dr. José  
Palácio de Queiroz.

Ele que enalteceu  
Minha humana vaidade,  
Cumpra este pedido meu  
Minha última vontade.

## AO PAGADOR DO MÍNIMO

Patrão metido a gaiato  
Pergunta a seu operário  
Se ele comia bom prato,  
Se era grande o seu salário.

E o operário destemido,  
Que de bajular não gosta,  
Remexeu em seu “sentido”  
E lhe deu esta resposta:

“Estou magro como antanho,  
De comer brisa e alcatrão;  
Meu salário é do tamanho  
Da consciência do patrão.”

Aracati – 1980

## BASTIDOR DE LABIRINTEIRA

Bastidor de labirinteira,  
Como invejo tua sorte,  
Ao ver os dedos ágeis das artesãs,  
Deslizando sobre mimosas peças de linho,  
Ora róseas, ora verde-claras,  
E, às vezes, alvas como o arminho,  
Que exhibes indiferente.

Esticando o labirinto  
De fino corte de linho,  
Exibes bordados lindos  
E estampas primorosas,  
Em forma de palmas e rosas,  
Tecidos e tenras linhas,  
Por mãos hábeis e velozes.

Bastidor manhoso e brejeiro,  
Entre os dedos das morenas tu te moves qual ser vivo;  
Semelhas um ente lascivo,  
Um boêmio, um seresteiro,  
Tens até o formato da lua  
Quando em fase de cheia,  
Exibindo-se no céu, redonda, pálida e nua.

Bastidor, eu invejo o teu ofício,  
Eu invejo o teu destino  
De viver constantemente entre mulheres e linhas,  
Num gozo que jamais finda,  
Porém, mais invejo ainda  
Essa felicidade tua,  
Quando afetuoso te aninhas  
Entre os seios palpitantes,  
Tentadores, arrogantes,  
Da cabocla que te maneja,  
Dando vida, dando cor,

Dando graça ao seu labor.  
Embora não penses nem sintas,  
Embora não sintas a vida  
A muitas coisas dás vida  
E muitos sonhos despertas!  
Bastidor de labirinteira  
Das casas do meu FORTIM,  
Quanto ciúme me causas,  
E que profunda filosofia  
Encerra o teu labor de cada dia!  
Nesse lidar gostoso e inconsciente,  
És semelhante a muita gente,  
Cujas felicidade é apenas aparente.

Bastidor de labirinteira,  
N' alma de cada homem  
Mora um juiz permanente,  
Que melhor julga de si que dos outros.  
Por isso, quando te vejo colado  
Aos seios das caboclas,  
A mim próprio formulo esta pergunta:  
Por ventura haverá felicidade  
Em aos outros parecer feliz?

Sofro. E a dúvida que em mim persiste,  
É não saber se sofro mais  
Pela cobiça que sinto das morenas mãos de fada,  
Que desenham palmas e rosas no linho,  
Se pelas rosas do amor  
Que elas, despercebidas,  
Despertam e fazem florir  
No meu sofrido coração.

Bastidor de labirinteira  
Do meu querido FORTIM,  
Eu também sou teu irmão,  
Mas de estilo bem diverso:  
Nas movediças dunas da vida,

Onde sofro sem querer,  
Não passo de um bastidor  
Entre os pomos da desdita,  
Manejado pelo destino  
E na própria alma exibindo  
Sangrentas palmas de dor...



## MÁRCIA

Minha netinha querida,  
Anjo de graça e bondade,  
Resplandece em tua vida  
Calma e tão sorridente  
Imensa felicidade  
A mostrar que és inocente.

Deus te abençoe e proteja  
E te faça bem feliz;  
Que no futuro eu te veja  
Tão pura qual flor de lis.

Neste teu aniversário,  
Que tudo quanto te auguro,  
Sejam pétalas de rosas  
Enfeitando o teu futuro.

Índio Moreno  
Aracati, 17 de novembro de 1972.

## O MEU MULO

Possuí um mulo castanho;  
Não era grande nem pequeno,  
Era um mulo de bom tamanho  
Apelidado de Moreno.

Era um mulo luzidio,  
Que não mordía nem atirava coices  
Era pacífico e ordeiro  
E, quando eu o montava,  
Ele ornejava de alegria,  
Feliz por me fazer a vontade.

Era manso como um cordeiro,  
É muito mais útil  
Que certos burros de dois pés  
Que várias vezes tenho encontrado  
Na confusa e tortuosa estrada da vida.

Aquele meu mulo castanho  
Nunca me atirou um coice, nunca!  
Mas dos amigos burros de dois pés,  
Quanto coices tenho levado, quantos!

Meu mulo Castanho,  
Meu mulo manso e baixeiro  
Morreste como todo mortal,  
Mas ainda vives nestes versos,  
Porque eras mais polido e sensato  
Que certos letrados burros,  
Que zurram nas cidades  
E trotam pelas ruas.

Destes, muitos conheço por aí  
Que não passam de burros de dois pés,  
Com orelhas menores que as tuas,

Todavia dão coices até ao vento.

Meu extinto mulo Castanho,  
Comparando-te com certos homens,  
Ainda hoje se me confrange o peito,  
Porque sem me sentir,  
Algumas vezes te chamei de burro.

## ROSA FANADA

Vítima da terrível moléstia  
Dos poetas e dos santos,  
Viveu Anésia à margem da vida,  
Solitária, resignada  
E esquecida,  
Durante três longos anos.

Aquela tosse rouca  
Impertinente e constante,  
E aquela febre escaldante,  
Roubaram-lhe os meigos encantos  
E a alegria de viver.

O seu semblante,  
Ontem risonho,  
Róseo como a romã,  
Alegre como a inocência  
E belo como a manhã,  
A alegria perdera;  
Nele restava, apenas,  
A dor, e a tristeza,  
E as lágrimas serenas,  
Febris e luminosas,  
Em perene correnteza,  
Sulcando-lhe a tez de cera,  
Qual orvalho ornando as rosas.  
Tuberculosa, porém uma santa!

Eu falava com Anésia todo dia,  
Mas me sentia mal. Estava farto  
De ver, de observar tanta agonia  
Entre as brancas paredes do seu quarto.

Entrei na sua alcova, certo dia,  
Para apanhar um pano que caíra,  
E ela disse: - “Amigo, te retira  
Para longe da dor desta enxovia;  
Foge, senão meu mal te contagia.

Deixa comigo este martírio lento,  
Pois em breve findará meu sofrimento.  
Meu coração imune da maldade  
Não quer contaminar a humanidade  
Co’ a moléstia voraz que me consome.  
Ao morrer, deixar quero, limpo, o nome.

Olha esse sangue que meu quarto junta:  
É só micróbios que não morrem nunca...  
És casado, já tens uma filhinha,  
Deixa-me só, com o mal que me definha.  
A taça amarga dos pesares meus,  
Deposito-a, com fé, aos pés de Deus.  
Eu sou doente, mas tenho alma forte  
Pra suportar os vendavais da sorte.  
Adeus...”

Falou com a voz quase sumida.  
Era o último adeus de sua vida.  
Suas palavras me pungiram tanto,  
Que rolou dos meus olhos farto pranto.

Vinte e um anos,  
Pleno abril da existência,  
Idade das esperanças,  
Fonte dos belos sonhos!  
Mas Anésia sofria tanto!  
O seu pesar era infindo,  
Era imenso o seu martírio;  
Banhava seu rosto lindo  
Um pranto sereno e quente,  
Assim como um pranto de um sírio.

No afã de encontrar alívio  
Para a doença maldita  
Que os pulmões lhe corroía  
A conselho de certa amiga  
Recorreu ao espiritismo,  
Mas tal espécie de terapia  
Nem bem nem mal se sentiu.

A coitada estava exangue e  
Chorava saudades da vida,  
Quando vomitava sangue...  
Na luta para viver,  
Da morte se aproximava  
E em seu peito ecoava  
O som fatal, doloroso,  
De um triste dobre de sino.

Enfim, aos trinta e um de agosto,  
Uma hemoptise derradeira  
Pôs termo àquele resto de vida.  
“O descanso eterno dai-lhe, Senhor.”

Sua vida no mundo, enganador abismo,  
Foi breve qual passeio de turismo.  
Tudo, porém, já estava escrito  
No volumoso e imutável  
Livro dos destinos.

Anésia ainda sofreu depois de morta:  
Quando su´alma o corpo abandonado  
Alçava vôo para o abrigo etéreo,  
Quando a levaram para ao cemitério,  
Lá na silenciosa capela  
O padre chegou perto dela  
E a benção final lhe negou!

Que horror, ó céus!  
Ação igual a esta o mundo jamais viu  
Nos quatro cantos seus.

Mas Anésia, falecida,  
Dormindo já sem vida,  
Ainda sorriu zombando da injustiça,  
Porque,  
Acima de todos os protocolos,  
Numa grandeza sem limites  
Que transpõe os pólos,  
Existe Deus!  
Deus bondade e justiça, Deus clemência,  
Que julga todos pelo coração  
E nunca pela simples aparência.

Aracati - 1944

## EM TUDO VEJO O MEU DEUS

Vejo Deus no mar profundo,  
No arqueado firmamento  
Todo crivado de estrelas,  
E até no meu sofrimento.

Vejo Deus nos animais,  
No leão, rei da floresta,  
Nos pássaros gorjeando  
Em clarinadas de festa.

Vejo Deus na tempestade,  
Escuto-o na voz do vento  
Que refresca a natureza,  
Espanando o firmamento.

Vejo Deus nas lindas rosas  
E nos agudos espinhos  
Que juncam, constantemente,  
Os meus penosos caminhos.

Vejo Deus no verde musgo,  
Na modesta e agreste flor  
Que eleva mansamente  
Ao trono do Criador.

Vejo Deus na pequenina e  
Lúcida gota de orvalho  
Da mesma forma que vejo  
Numa floresta de carvalho.

Vejo Deus até no exemplo  
Da pequenina formiga  
Que lidando sem cessar,  
Nunca demonstra fadiga.

E no veneno letal  
Da rude e ardilosa cobra,  
Que corre, pula sem ter membros,  
Eu vejo Deus e sua obra.  
Vejo Deus num grão de areia,  
No oceano gemebundo  
Que rola e brame na praia,  
Sem nunca alagar o mundo.

Vejo Deus no olhar do cego,  
Na confusa voz do mudo,  
Que sem ver e sem falar,  
Sentem que Deus vive em tudo.

Vejo Deus em todo canto,  
Na robustez do atleta,  
No riso, na dor, no pranto  
E nas rimas do Poeta!

A florescência das cousas,  
Com todos os requintes seus,  
E até a mudez das lousas  
Nos mostram que existe DEUS!

## ONTEM E HOJE

Já fui criança, tive sonhos cor-de-rosa,  
Amei a vida, o sol, os passarinhos,  
Tive em meu peito amores e carinhos,  
Era, então, minha vida, venturosa.

Era de flores e não tinha espinhos,  
Da minha vida a senda esplendorosa;  
E eu, qual águia gentil, destemerosa,  
Na crista da ilusão trançava ninhos.

Ninhos de amores, puros virginais,  
Que, arrebatado em juvenil transporte,  
Eu chamava meus sonhos líriais.

Quando menino eu aspirava à sorte,  
Eu aspirava a glórias imortais,  
Porém hoje, homem feito, aspiro à morte.

## FESTIM MACABRO

Saí um dia, caminhando a esmo,  
No fundo labirinto do meu ser,  
Estudando a fraqueza de mim mesmo,  
E vi a pequenez do meu poder.

E vi-me morto, sem valor nem fama;  
Milhões de vermes, numa gana louca,  
Famintos percorriam minha lama  
E sorrindo, beijavam minha boca!...

Na minha nulidade cadavérica,  
E dentro de profunda tumba, só,  
Eu admirava aquela luta homérica

Da bicharia trabalhando em mim:  
Mergulhando sem nojo no meu pó  
E gargalhando do meu triste fim...

## SÚPLICA AO ANJINHO PARDO DO PÉ TORTO, QUANDO DA INUNDAÇÃO DE ARACATI

23 de abril de 1974.

Hoje, pela primeira vez,  
Sou forçado a abandonar minha casa,  
Que está em reparos, sem portas  
E sem qualquer segurança.  
Nem eu nem aqueles que sofrem como eu  
A trágica inundação e tamanha calamidade,  
Temos inspiração ou sequer uma gota de calma  
Para pintar e descrever com serenidade  
A imensidão da dor que nos vai n'alma.  
Preparo-me, finalmente,  
Para deixar o velho casarão  
Onde há 34 anos moro  
E constituí uma numerosa prole  
De 13 filhos, que ali nasceram,  
Moraram e sofreram junto comigo.  
Minha casa faz parte de minha vida  
E é um complemento da minha própria história.  
Ao abandoná-la, as lágrimas me rolavam pelas faces,  
Como se eu fora um condenado expulso da pátria  
E sem esperança de um dia a ela voltar...  
Só afora, neste momento trágico,  
Com alma ferida e os membros lassos,  
Compreendo a enorme tristeza e a dorida saudade  
Daqueles que vão confinados.  
Antes da angustiosa partida,  
Sofrendo e desesperado como um louco,  
Admiro as plantas cheias de viço e verdor,  
Fito o céu nublado e ameaçador  
E me ponho a contemplar os meus pássaros que cantam  
Sem compreender o triste drama que me vai n'alma.  
Com lágrimas nos olhos e no coração,  
Abri todas as gaiolas,  
Dando aos meus queridos e canoros passarinhos

Aquilo que jamais tive  
E ainda hoje não tenho – a liberdade.  
Traumatizado e com um saco ao ombro,  
Andei um quilômetro a pé, dentro d'água,  
Com água acima dos joelhos, para  
Apanhar uma embarcação  
Que me levasse ao Fortim,  
Meu agradável e inesquecível exílio,  
O que não foi muito difícil.  
Mas devo tamanha gentileza  
Ao meu velho amigo Miguel Carvalho,  
Cuja grandeza d'alma reside em seu próprio nome,  
E viajei num barco motorizado, de sua propriedade,  
O qual, com sua poderosa força motriz,  
E ajudado pela correnteza,  
Singrava velozmente, rio abaixo,  
Sem saber que levava em seu convés  
Um homem amargurado e profundamente infeliz.  
Chorando, mais por dentro que por fora,  
Senti mais do que nunca a presença de Deus  
E me pus, mudo e contemplativo,  
A olhar a tristeza das garças no mangue,  
A admirar as ilhas alagadas  
E, finalmente, toda imensa grandeza  
Daquele panorama estupidamente belo.  
Após 40 minutos de viagem fluvial,  
Em chegando ao Fortim, que vi?  
Um tugúrio à beira da estrada  
Numa sala em cuja mesa repousava,  
Dentro de um caixãozinho azul,  
Um menino pardo do pé torto,  
De quase um ano de idade,  
Estampando no rosto um sorriso,  
Mas tranqüilamente morto.  
Então, o meu triste coração de vivo  
Ao coração daquele morto assim falou:  
Anjinho pardo do pé torto,  
Que repousa nessa mesinha tosca,

Dentro do seu esquite azul,  
Sorridente e tranqüilamente morto,  
Quando você chegar lá no céu  
Rogue a Deus Nosso Senhor  
Por todos nós que sofremos e padecemos  
As conseqüências sem jeito  
E os desastrosos efeitos  
Da grande enchente do rio Jaguaribe.  
Sei que o defeito do seu pé não o inibe  
Tampouco atinge sua alma  
Nem diminui suas virtudes,  
Anjinho pardo, do pé torto.  
Por isso eu lhe peço com fé e ternura,  
Que vele por nossa cidade alagada,  
Com água a metros de altura.  
Que olhe os pais desesperados,  
As mães aflitas e angustiadas,  
E os meninos tristes, famintos,  
Esquálidos, sem sangue,  
Chorando e gemendo de fome.  
Olhe toda esta imensa tristeza  
Que nos cobre, nos cerca e nos rodeia  
Como se presos estivéssemos  
Na mais degradante cadeia.  
Olhe os pombinhos inocentes,  
Nas cumeeiras das casas submersas,  
Abandonadas, desertas...  
Olhe os gatos deitados nos muros,  
Soltando miados de fome  
E de saudade do seu ausente dono,  
E ali se sentindo inseguros.  
Olhe os barcos e canoas,  
Singrando em nossas ruas  
Ora transformadas em lagoas,  
E nos livre de martírios tão duros.  
Rogue tudo isso a Nosso Senhor,  
Sem se lembrar das coisas obscenas desta vida.  
Esqueça as coxas, os umbigos,

Os seios exuberantes, as barrigas  
E outras partes pudendas das jovens seminuas,  
Que você, inocentemente,  
Viu quando era vivo.  
Será essa falta de vergonha e de pudor  
Que arrasta e traz até nós  
O castigo de Nosso Senhor?  
Anjinho pardo do pé torto,  
Que cena tremendamente dantesca!  
Olhe a violência das águas  
Cobrindo os tetos das casas,  
Fazendo casas ruírem,  
Arrastando carnaubeiras, oiticas,  
Reses, jumentos, ovinos e caprinos,  
Levando tudo para o mar insaciável.  
O mar, porém, solidarizando-se conosco,  
Através de suas ondas revoltas e gementes,  
Manifesta o seu voto de pesar.  
Anjinho pardo do pé torto,  
Sorridente e tranqüilamente morto,  
As nossas casas e quintais  
Estão cheios de cobras de toda natureza.  
Livre-nos das cascavéis e jararacas,  
Quer ofídias quer humanas,  
Pois você bem sabe que estas  
São tão perigosas quanto aquelas.  
Anjinho pardo do pé torto,  
Eu lhe peço por caridade,  
Que rogue a Nosso Senhor,  
Fonte de luz e amor,  
Que enxugue a nossa cidade,  
Faça nossa esperança voltar  
E extermine toda a tristeza  
Que o coração nos invade.  
Anjinho pardo do pé torto,  
Que já está com Jesus Cristo,  
Eu lhe peço tudo isto  
Cheio de fé e confiança

Na imensa dor de sua pobre mãe,  
E pelo mérito daquela lágrima longa e triste,  
Símbolo real da saudade,  
que as faces dela alaga  
nesta amarga despedida  
e na hora em que você deixa a casa,  
todo coberto de flores,  
dentro do seu caixão azul...  
Manuel – Anjinho pardo do pé torto,  
Pela sua inocência e candura  
Tão puras como a brancura das garças,  
Peça a Deus Nosso Senhor  
Que nos conceda graças  
E faça com que jamais se repitam  
Estas tremendas desgraças  
E o flagelo que ora nos fere e nos tortura...

Aracati, 23 de abril de 1974

## ALMA DE POETA

Alma composta de perfume, melodia  
Divinal subtileza  
O poeta canta, pinta e,  
Muitas vezes rima  
Sobre assuntos de toda a natureza!

Da tela cambiante de sua inteligência  
Surgem lágrimas, soluços,  
Sorrisos de alegria,  
Anseios amorosos,  
Panoramas multicores  
Das terras longínquas que visita,  
Em vãos altaneiros que dá  
Nas asas puras do seu pensamento...

Sublime e vasto é seu sentir,  
E seus ideais são nobres e reluzentes!  
As doces alegrias,  
Os castos amores,  
Os distúrbios do espírito,  
As grandes desgraças  
E tragédias dos outros,  
Tudo lhe mora na profundidade d'alma,  
E de alheio tem apenas  
O disfarce e a roupagem.

A guerra e a paz,  
As florestas e os rios,  
Os céus e as cascatas,  
As flores e os pássaros,  
O mar e a saudade,  
As lágrimas, os soluços,  
Os gemidos e as dores,  
O céu e as estrelas  
E tudo mais no universo

É centelha da alma do Poeta!  
Porque provém de Deus Eterno  
Que é o universal, o melhor  
E finalmente o mais sábio e moderno  
De todos os poetas, passados  
Presentes e futuros, de todas as nações.

O mundo e a humanidade  
Com as suas maravilhas, alegrias,  
Belezas e tristezas,  
São uns imensos espelhos quebrados  
Em mil pedaços de tamanhos e prismas diversos,  
Cujos estilhaços o poeta contempla  
Para desvendar e pintar  
O sentido e a verdade das cousas!  
Mas ai! Em cada pedaço  
Do imensurável espelho partido  
Ele sente  
Ele vê refletida,  
Cantando ou chorando,  
De crepe ou de branco,  
Desnuda ou florida  
Uma parcela da própria alma!  
O céu e as estrelas,  
As serras e os vales,  
Os mares e os rios,  
Os sorrisos e as mágoas,  
As saudades e as lágrimas,  
As flores e os espinhos,  
Tudo isso reunido forma um conjunto  
Que é a alma do Poeta!

## O ENJEITADO

Se, quando ao nascer, soltei forte vagido,  
Foi porque nasci sofrendo!  
E o sofrer tem sido  
O cotidiano pão  
Que desde a remota e torturada infância  
Me nutre o coração.

Fui criado enjeitado,  
E, maternais carinhos  
Sempre desconheci  
Na minha infância, jamais tive carícias  
Nem seios maternais que me nutrissem...  
Fui criado enjeitado...  
E este fel que desde a meninice  
Goteja na minha alma  
E na minha alma existe,  
Roubou-me toda a calma  
E fez de mim um triste...  
A dor que sofri ontem  
E hoje ainda me fere,  
É mal dos enjeitados.

Por isso me sinto só  
No meio de tanta gente!...  
Vejo a tristeza em todos os sorrisos  
E as estrelas apenas me parecem  
Um eterno piscar de vaga-lumes.

Se às vezes olho o arvoredo,  
Admiro o passaredo que aquece os ninhos  
E pipila alegremente  
Cobrinando os filhotes de carinhos.  
Contemplo o quadro, embevecido,  
Admiro aquele excesso de carícias  
E sinto inveja dos canoros passarinhos.

E eu que nunca recebi afagos maternos,  
Sinto um vácuo dentro d'alma.

Se contemplo um jardim  
As rosas para mim não têm perfume,  
E cada flor que colho é só espinho...

São tantas as minhas dores,  
Tamanhas as minhas mágoas,  
Que só encontro consolo  
No fel sofrimento  
E no cálix da minha tristeza.

E prazeres de criança?!  
Divisei-os, muitas vezes,  
Apenas através da esperança.  
Pensava em ser feliz,  
Em ser alvo de carícias  
Como eram outros meninos  
Do meu tempo de menino.  
Mas era criado enfeitado  
E a fatalidade me seguia como sombra,  
E colocava bem à distância  
Os anelos da minha infância.

Na aldeia onde nasci,  
Não havia escola nem parque de diversões:  
Era uma igara a minha escola,  
Um remo a minha bola.  
Fui menino sem brinquedo,  
Capiongo, taciturno  
E mudo como um rochedo.  
Ficava de boca aberta  
De olhos arregalados  
Ao ver a hilaridade  
Constante sem limites  
Dos guris da minha idade...

Por ser pobre, muito pobre,  
Comumente recusava  
O convite de outro pobre  
Que, vaidoso, brincava  
No banco dos meninos ricos.

O tempo marchava célere  
E o meu físico raquítico e doentio  
Progredia lentamente;  
Porém dentro de mim  
Crescia e avultava, bem latente,  
A mesma tristeza infinita...

Qual faminto cordeiro  
Amarrado num mourão,  
Mirando verde pastagem,  
Sem nela poder tocar,  
Eu também tinha os meus anseios  
E n'alma sentia a fome,  
O desejo de folgar;  
Mas o nível social  
Que possuía falsas raízes,  
Proibia-me de brincar,  
De correr e de pular  
Com os garotos felizes  
Que não eram enjeitados.

Mas onde encontrar  
A rede da esperança  
Que às vezes me embalava?!...  
Como é ilusória a miragem  
Que os néscios chamam esperança!...

E assim, desde menino,  
Tornei-me um revoltado!

Contemplando a natureza,  
Notava em tudo o contraste das cousas.

Em torno de mim giravam  
A pequenez, a grandeza,  
A nobreza e a escória.  
No vasto espaço, aves serenas,  
Em terra, batráquios e lesmas.  
Tanto no mar como em terra,  
As diferenças as mesmas:  
Piabas, monstros e tubarões,  
Ratos, lebres e leões.  
Diante de tais contrastes  
Eu quis compor estes versos  
E muitas vezes desejei  
Ser grandioso e soberano  
Para transformar o universo  
E tudo pôr em igual plano.  
Mas os meus estudos eram primários  
E o meu plano faleceu  
Nas grades da ignorância,  
Na negra masmorra de mim mesmo.  
Como é triste a minha história!...

Foge o tempo com presteza  
E com ele meus anseios;  
Ficou-me, apenas, no peito,  
Toda uma imensa tristeza...

Atingi a adolescência.  
Minha vida não mudou,  
Meu sofrer ainda é o mesmo.  
O pesar – meu companheiro –  
Vaga comigo a esmo  
Para igual porto e destino  
E sempre do mesmo jeito  
Dos meus tempos de menino.  
Semelhante a um eremita,  
Passo o tempo a meditar  
E nenhuma idéia boa  
Me chega ao pensamento

Capaz de trazer lenitivo  
A este meu mal incurável.

Tirar, não pude, a ilação  
Do motivo que levou  
Este destino implacável  
A me ferir sem compunção.

Chegou, enfim, o meu ocaso.  
Meu viver é grosso mar  
Onde não reina bonança.  
Epiléptico,  
Qual asqueroso moribundo  
Anda sempre a suportar  
Os esgares deste mundo.

Desiludido da vida,  
A tudo vivo alheio.  
Parece que não tenho alma.  
Será que me fugiu na meninice?  
Oh não! Alma tenho, pois a sinto,  
Embora não sinto a vantagem de ter alma...

Da vida já no declínio,  
Assisto à corrida da sorte  
Levando minha esperança  
Para o Calvário da morte.

No campo da minha vida  
Que se estiola há cinqüenta anos,  
Nenhum virente ramo de oliveira!...  
O chão por onde passo  
É todo atapetado, fartamente atapetado  
De pétalas de desengano...

E a felicidade dos meus sonhos de menino?  
Uma vala escura como breu  
Onde a visita será bem pouca...

E os fiéis amigos com quem sonhei?  
Os vermes que hão de beijar a minha boca...  
E o infeliz enjeitado?  
Sou eu.

Aracati 05 de abril de 1962

## À MINHA MÃE

Mãe é palavra pequena,  
Mas repassada de unção;  
E tendo o olor da açucena  
Nos perfuma o coração.

Mãe: palavra pequenina,  
Fácil de pronunciar;  
Recende como a bonina,  
Tem a grandeza do mar.

Mãe é amor e ventura,  
Mãe é bondade sem par;  
É também mar de ternura,  
Por ser a rainha do lar.

Minha mãe é uma santa  
Que embeleza os dias meus;  
É um tesouro que encanta  
E me foi dado por Deus.

Mãezinha, neste teu dia  
São meus sorrisos mais francos,  
Ao beijar com alegria  
Esses teus cabelos brancos.

Aracati, maio de 1965.

## CONTEMPLANDO O JAGUARIBE

Até que enfim eis terminada a quadra  
Negra e fatal do meu viver sombrio...  
A acerba dor do meu viver se enquadra  
Às marulhosas curvas deste rio.

No Jaguaribe a maré enche e vasa,  
Deixando um véu de espuma sobre a praia.  
Quando o fel no meu peito extravasa  
Bem ultrapassa do sofrer às raias.

E quando escarna o rio a maré grande,  
Moluscos e siris brincam na lama.  
E, dentro em mim, quando o sofrer se expande  
Por um socorro, em vão, minh'alma clama.

É feito o rio d'água cristalina  
A correr sempre e sempre para o mar.  
De mágoa é feita a amargurada sina  
Que faz meu pobre coração chorar.

Do rio na altaneira e verde margem,  
Eu lobrigo uma garça merencória.  
Na triste garça apenas vejo a imagem  
Tortura e fatal da minha história...

## CONTEMPLANDO...

Ó garça branca do mangal do rio,  
Igual ao teu penar é minha sorte:  
À noite aguardas o rigor do frio  
E eu, noite e dia, o badalar da morte...

De tanto padecer já vivo farto,  
Chegou, enfim, bem cedo, o meu outono.  
Esgota-se a colheita. Adeus que parto  
Para dormir meu derradeiro sono...

Meu funeral será o esquecimento,  
Será o verme o meu melhor comparsa.  
Esta amargura que em meu peito alento  
É perene, é sem fim como o da garça.

Aracati, 27 de maio de 1962.

## ESPERANÇA (LAMENTOS)

À...

Sob o leque virente dos coqueiros  
Neste calmoso entardecer de inverno,  
Inda relembrando os dias tão fagueiros  
Do nosso antigo amor tão doce e terno.

Naqueles tempos que já longe vão  
Eu vivia risonho ao lado teu!  
Cantava hinos de luz meu coração,  
Meu viver era alegre como um céu.

Hoje, triste contraste é minha vida:  
Vivo na cela atroz da soledade,  
Carpindo a dor de uma ilusão perdida...

Mas um dia meu destino há de mudar  
E matarei, enfim, minha saudade,  
Co'a alegria inaudita de te amar.

Aracati 15 de fevereiro de 1939.

## QUANDO O SILÊNCIO FALA

Meu relógio marcava meia noite.  
A escuridão era tanta  
Que obrigava a natureza a emudecer!  
Apenas na minha alma invisível,  
Na minha alma em tormento,  
Na minha alma sensível  
Ecoavam plangentes  
As constantes badaladas do meu pensamento.  
Até o imperceptível cair do orvalho  
Na folhagem verdejante,  
Fazia parte integrante  
Do silêncio que a natureza universal  
Impunha às cousas naquele instante.

Epiléptico, (mas só do corpo),  
Eu nada vislumbra em torno de mim.  
E comecei a passear, errante sem destino,  
Num caminhar lento e sem fim  
Em busca de uma esperança  
Esse fantasma incerto que a cada momento  
Foge, se distancia de mim.

Era plena noite de inverno.  
Molhava-me impertinente garoa,  
Mas eu não via;  
Apenas sentia o meu corpo molhado.  
Entretanto prossegui andando à toa,  
Caminhando ao léu,  
Sobre o teto do inferno  
E sob a distante cúpula do céu.  
A tremenda escuridão  
Daquela calma noite de inverno,  
Dava-me a triste impressão  
De estar metido no inferno.  
As trevas são um cruel assassino

Que, mascarado, nos fere  
Executando terrível tragédia.

. . .

Oh! Dante Alighieri,  
Autor da “Divina Comédia”,  
Sai dessa tumba de Florença  
E vem com tua presença,  
Com tua imortalidade  
Ensinar aos mandões desta cidade  
O meio de arrancá-la das trevas.  
Aqui, tudo é escuro, Dante,  
Nesta silenciosa noite de inverno.  
E eu, diante do que vejo e do que sinto,  
Não sei se Aracati ainda está viva  
Ou pensando no Purgatório,  
Ou condenada no Inferno.  
Oh! Que dúvida tirana!  
Será que esta cidade  
Integra o rol das cidades mortas?  
Mas aqui, Dante,  
Semanalmente batem às nossas portas,  
E entram e saem contrabando!

...

Milton, Poeta Cego,  
Filho da nobre Inglaterra,  
Deixa o sepulcro de Westminster  
E visita esta pobre terra  
Que morre entre mil estertores,  
Vem Milton, e pinta, mais uma vez,  
Com tua incomum nitidez,  
Não as cores da natureza,  
Mas de certas consciências as cores.  
Milton, pinta principalmente  
As cores da consciência  
Dos nossos administradores.

...

Isso parece até poesia,  
Mas é realismo puro.  
A escuridão (sobretudo a da consciência),  
Arrasta e acumula tudo quanto é ruim  
E nos enche de mil pavores.  
Quem poderá gostar de uma casa  
E de uma cidade no escuro?  
Até os nossos vereadores,  
Na segunda semana de maio  
Deixaram de se reunir  
Porque a Câmara estava em trevas  
E, da luz bendita e benfazeja  
Não surgia, sequer, um raio.  
Era negro tudo  
Inclusive algumas consciências  
Completamente amordaçadas  
Que rendiam culto às trevas.

Enquanto o meu pensamento folheava  
O “Diário Municipal”,  
Examinando a marcha dos acontecimentos,  
Eu continuava caminhando  
Pelas sinuosas ruas da cidade,  
A pensar no seu destino,  
No nosso mísero destino.  
Nisto, do seio da escuridão  
Partiu um gemido agudo.  
Parei. Olhei ao meu redor,  
Porém não vi ninguém.  
Apenas observei  
Que o gemido ficara mudo.  
Com o espírito atribulado,  
Aguardei o surgir da aurora.  
(Tenho horror ao escuro  
E às cousas tenebrosas).

Depois segui rumo ao mercado,  
Com a cesta vazia e os bolsos sem dinheiro,  
Possuído daquele ódio  
Que nos incendeia e inflama  
Quando estamos “quebrados”.  
E no meio daquele “pardieiro”,  
Sem querer, pisei numa poça de lama.  
Era um completo e verdadeiro charco  
Fora e dentro do mercado.  
Senti-me enojado, revoltado  
Com tal estado de cousas.  
O dia vinha perto,  
Pois já começava a atirar  
As flechas dos seus raios  
Por cima do horizonte,  
E as trevas iam morrendo  
Espezinhadas pelo sol.  
Então compreendi tudo.  
Aquele único gemido que ouvi  
E logo ficou mudo,  
Era o grito de dor,  
E “valha-me Jesus”  
Desta velha cidade sugada e abandonada;  
Era o grito de medo desta cidade sem luz,  
Coberta de lixo e de lama,  
Onde os ricos fazem o que querem  
E dos pobres os direitos ferem;  
Era o doloroso gemido  
Desta cidade antigamente bela,  
Desta cidade hoje suja e sem chefe,  
Onde tudo é caro  
E se vendem peixe e carne sem tabela,  
Pois a tabela quem faz  
É o marchante e o magarefe.  
Era o plangente gemido desta cidade,  
Empório dos contrabandos  
De uísque e de café  
Onde falta o saboroso café moído

Para a gente desta pobre cidade  
De onde pululam, diariamente,  
Magotes de chacais,  
E dezenas de fiscais;  
Era o gemido desta cidade  
Apunhalada, esburacada,  
Sem uma maternidade,  
Sem louçania nem gala  
E sem esperança de progresso;  
Era o gemido agudo  
Desta cidade agonizante e semimorta,  
A lamentar o seu triste destino.

...

Tudo isto aqui se vê,  
Ouve-se e se sente  
Quando o silêncio fala!...

Aracati, 17 de maio de 1963.

## A CARA DE SANTA

Tem andar pausado e lento,  
Fala macia e serena,  
E seu rosto é macilento  
De causar tristeza e pena.

Tem a cabeça pendida  
Em gesto de piedade;  
Só usa manga comprida  
Demonstrando honestidade.

E de manhã vai à igreja  
E reza com tal fervor,  
Que chega a causar inveja  
A qualquer um que ali for.

Mas... ao retornar a casa,  
Santo Deus! Misericórdia!!!  
A língua vem como brasa  
Soltando chispa e discórdia,

Maltratando toda gente,  
Falando da vida alheia.  
A “santa” virou serpente  
E pra acalmá-la só peia.

O falso fervor externo,  
Falsas preces da manhã  
Vão com ela para o inferno,  
Para o reino de satã.

Aracati, 20 de março de 1963.

## PORTO CERTO

Eu sou, na vida, um barco carregado,  
Em mares agitados navegando...  
É grosso o mar; em temporal cerrado  
Mil turbilhões de vagas vou sulcando,

Sem rumo fixo, sem destino certo.  
Lá do horizonte não desprego os olhos  
Nenhuma vela pelo mar deserto!  
À flor das ondas só divisos abrolhos.

Colho o velame. Já soçobra o barco  
Nos abismos fatais do desengano.  
É negro o tempo! O firmamento, em arco,  
Me envolve nos perigos do oceano.

Ah! Quem me dera alijar esta carga  
Que se avaria dentro do porão!  
Tudo impossível nesta rota larga,  
Onde singra meu pobre coração...

Sou, na verdade, frágil caravela  
Naufragando no fundo mar da vida...  
No céu distante não diviso estrela,  
Por sobre o mar jaz toda fé perdida.

Afoga-se, afinal, minha esperança...  
Tudo acabado, rumo triste ao Norte,  
Tendo certeza de encontrar bonança  
No abrigo certo da "certeira morte"...

Aracati, 02 de novembro de 1962.

## VELA DE CERA

Esta pobre humanidade  
É tenra vela de cera  
Acesa na estrada da vida,  
Exposta ao sopro do vento,

E de pouca duração.  
É luz imprecisa, vaga,  
Que ao sopro do sofrimento  
Definha, morre, se apaga.

Depois... Afinal, que resta?  
Um espinho de saudade  
Na poeira do passado  
E um vácuo... Um caos...  
Em seguida nada mais...

Eis o resumo da vida,  
Verdadeiro, positivo:  
Adejo nas asas do nada,  
P'ra sombra da eternidade.

Da vida a vela apagou-se;  
Suas lágrimas secaram,  
E da pobre humanidade  
Os anseios se finaram...

Aracati, 02 de novembro de 1962.

## PROPAGANDA POLÍTICA

Eis! se aproxima, enfim, o mês de outubro.  
Nas vilas, na cidade animação!  
Da celeuma o motivo eu já descubro:  
Vamos ter, dentro em breve, uma eleição.

Há comícios, promessas, boletins;  
De luz as nossas praças pegam fogo.  
“Vamos ter vida igual aos querubins!”  
Isto garante o velho demagogo

Que no falar tem expressões astutas.  
É passada a eleição. Oh! Que mudança!  
Ele sorri às outras prostitutas  
Iguais a ele, e... Adeus santa esperança!

As mesmas cousas dos passados anos!  
Mas eu que me fartei de tanta loa,  
Que me fartei de tantos desenganos,  
A meu voto não mais darei à toa.

Não seria um ato impensado, enfim,  
Uma tremenda e louquíssima besteira  
Votar a gente em candidato ruim,  
Colocar na Assembléia uma “rameira”?

Sou precavido e estou de “saco cheio”.  
Não sou fingido e meu falar é franco:  
Já não adianta loa nem vozeio,  
Agora vou votar é em branco.

Aracati, 01 de outubro de 1962.

## “QUADROS” CASEIROS

Vivo morto de vergonha,  
Sem saber o que fazer:  
A carestia é medonha!  
Não posso comprar comer.

Bem cedinho vou à feira  
Co’o dinheiro que me resta,  
Porém naquela porqueira  
Nada há e quando há não presta.

Compro um molho de feijão,  
Uma dúzia de quiabo,  
Mas falta farinha e pão...  
Isto é arte do diabo!

Já é quase hora de almoço.  
A “ninhada” impaciente  
Forma tamanho alvoroço,  
Só falta engolir a gente.

Doze horas! O sol poente.  
Sinto um vácuo na barriga!...  
A família não se entende,  
Surge logo forte briga.

Só me falta ficar louco  
Ante tamanho aranzel!  
Um quer mais, outro acha pouco,  
Qual, agora, o meu papel?

Chega perto do jirau  
Minha velha, e, bem manhosa,  
Pega na colher de pau,  
Lasca a cabeça da Rosa.

Sisudo a cena contemplo.  
A garotada se cala  
E em face de tal “exemplo”  
Na mesa ninguém mais fala.

## “QUADROS”

Nunca vi canja tão boa  
Neve pra fartar tão depressa!  
Pois “enche” qualquer pessoa  
Mais ligeiro que “promessa”.

Foi-se o choro do meu prédio.  
Hoje exclamo em fortes brados:  
Aprendi um bom remédio!  
Que surja outro JÂNIO QUADROS

Mais louco perverso e mau,  
Com qualquer “resolução”,  
Que minha colher de pau  
Lhe dará boa lição.

(Quem quiser faça o reparo.  
Não entendo de obra prima  
Pois para “QUADROS” ignaro  
Eu não pude encontrar rima.)

Faminto mas sobranceiro,  
A minha vingança externo:  
Meu bom povo brasileiro,  
Mandemos JÂNIO p’ro inferno.

Aracati, abril de 1962.

## O POBRE E O RICO

Você, pobre esfarrapado,  
Que nas ruas perambula,  
Enquanto morre esfaimado,  
O rico morre de gula.

De porta em porta a bater  
Pedindo um naco de pão,  
Sentindo o ventre doer  
E chorar o coração,

É bem a imagem da fome!  
Esse duro sofrimento  
Que sua vida consome,  
É fel... é dor... é tormento...

Que cada dia o maltrata.  
O mendigo é sempre assim:  
A sua sorte é ingrata  
Desde o começo ao fim.

Enquanto o pobre definha  
E de fome perde a fala  
O rico come galinha,  
De tanto comer se entala.

A vida do rico é farta,  
- uma primavera em flor -  
Mas o diabo me arraste  
Se o rico para o céu for.

## QUANDO SE SOFRE...

Quando (na vida) se sofre,  
Tudo nos parece tredo,  
E o coração – velho cofre,  
Põe às claras seu segredo.

Quando (na vida) se sofre,  
Tudo nos parece falso:  
A tristeza vem de chofre  
É o mundo um cadafalso.

Quando se sofre (na vida),  
A gente se torna fera,  
A esperança é fementida,  
A esperança uma quimera.

Quando se sofre (na terra),  
A vida não tem ventura  
E pelo mundo a gente erra  
Carregado de amargura.

Quando se sofre (na terra),  
O nosso fim já vem perto,  
Nosso martírio se encerra  
Num cemitério deserto...

Aracati, 06 de junho de 1962.

## II

Quando se sofre,  
Toda alegria nos foge,  
Apenas a mágoa é fixa.  
E o nosso gemido de hoje  
Nos torna a vida prolixa.

Quando se sofre,  
Dói alma, dói coração,  
Cada esperança - ilusão,  
Cada gemido - uma prece.

Quando se sofre,  
Não há perfume na rosa,  
Nem há no riso carinho.  
Cada promessa, uma prosa,  
Cada suspiro, um espinho.

Quando se sofre,  
Nosso caminho é só pedra,  
E fenece ressecada  
Cada esperança que medra,  
Cada ilusão almejada.

Quando se sofre,  
Tudo nos vem torturar:  
Dá-nos a sorte cruel  
Cada gota de pesar!  
Cada bâtega de fell!...

Quando se sofre,  
Nosso destino é perjuro,  
Tudo parece fatal:  
Cada pensar, um monturo,  
Cada palavra, um punhal.



Quando se sofre,  
Nossa vida não é vida  
Mas de dor um oceano.  
Cada mágoa u'a ferida,  
Cada anseio um desengano...

Quando se sofre,  
Nada nos traz lenitivo,  
É nosso peito uma pira,  
Todo amor é fugitivo,  
Todo consolo é mentira.

Quando se sofre,  
Todo mal nos bate à porta:  
Vem a dor, vem a aflição  
E fica a alma semimorta,  
Quase morto o coração.

Quando se sofre,  
Lágrimas... Como detê-las,  
Neste profundo escarcéu,  
Quando há lágrimas de estrelas  
Té no azul lenço do céu?

Quando se sofre,  
Nada na vida tem graça,  
Tudo na vida é ruim:  
Longo o segundo que passa,  
Cada minuto sem fim.

Quando se sofre,  
Tudo no mundo é agreste.  
Só há mudança na sorte,  
Quando sussurra o cipreste  
Na vala da nossa morte...

Aracati, 04 de junho de 1962.

## UMA PRIMAVERA

Hoje, meu filho adorado,  
Completas teu primeiro ano  
E deu-te o mundo malvado  
O segundo desengano.

Ouve, meu caro João Bosco:  
Logo ao surgires na vida  
Foi um pobre berço tosco  
Que te serviu de guarida.

A alegria vem a flux  
Bem à flor dos lábios teus!  
E o riso que em ti reluz,  
Ó meu filho, vem de Deus!

Co'a tua meiga lhaneza,  
Não te mostras descontente  
Com do teu pai a pobreza,  
Por não te dar um presente.

Mas isso sempre acontece  
No natalício do pobre:  
Jamais alguém lhe oferece  
Sequer medalha de cobre.

Mas recebe, pois, meu filho,  
Do teu pai o amor profundo  
Que dá mais conforto e brilho  
Do que a riqueza do mundo.

## AO VER LÁGRIMAS

Ontem, tristonha, mui tristonha e bela  
Sob um lindo vestido, cor de rosa,  
Tu parecias, refulgente estrela,  
Uma rainha meiga e donairoso.

Mas nos teus olhos vi brilhar o pranto,  
Pranto de angústia, de infinita dor,  
E assaltou-me, Laurinha, grande espanto  
E por ti eu senti mais forte amor.

Se eu te causei essa tristeza imensa,  
Se eu fui a causa desse teu pesar,  
Dá-me um riso teu por recompensa  
E me perdoa se te fiz chorar.

Maio de 1935.

## A MORTE DO POETA

Sobre uma cama um corpo jaz, sem vida,  
De cujos lábios pálidos se esvai  
Uma gota de sangue, enrubescida,  
Que na alva colcha, lentamente, cai.

Foi o pobre Poeta que morreu  
Tuberculoso do terceiro grau.  
A luz de sua vida feneceu  
Ao sopro do destino avaro e mau.

C'o uma gota de líquido carmim  
Ele escreveu de sua vida o fim,  
Ele escreveu de sua vida a meta.

Agora paira em tudo a soledade,  
Até as Musas choram de saudade...  
Ai! Como é triste a morte de um Poeta!...

07 de novembro de 1935.

## ANSEIO

Vênus tostada, ó sol de minha vida,  
Rosa morena do jardim do amor,  
Vem, que, de tua boca erubescida,  
Quero libar dos beijos o sabor.

Vem, mulher, oh! Vem, lânguida, despida,  
Me deleitar com teu sensual vigor  
De tua carne rija, apetedida!  
Quero beijar teu seio lindo, em flor!

Sinto do gozo a flácida doçura.  
Mas os meus órgãos de libido cheios,  
Fremem no espasmo da carnal loucura!

Quando eu morrer, mulher, são meus anseios,  
Quero ter minha eterna sepultura  
No côncavo moreno dos teus seios!

Aracati, dezembro de 1936.



## PERFIL

Quando tu passas distraída e mansa  
Pelas ruas da cidade,  
Ao derredor de ti baila a bonança  
Da espiritualidade

Que unicamente as grandes almas têm!  
Muito me apraz contemplar-te!  
E, mirando-te, em ti meus olhos vêem  
A mais perfeita obra d'arte!

É de um moreno bem suave  
A tua mimosa cor,  
Macia qual pena de ave,  
Tendo o perfume da flor.

E os teus olhos cismadores?  
Neles parecem morar  
Do sol os áureos fulgores,  
Toda a tristeza do mar!...

Pintar teu porte?! Impossível!  
E nem há necessidade  
Pois ele está bem visível  
Aos olhos da humanidade.

É impotente, portanto,  
Hoje, a pobre musa minha,  
Para pintar teu encanto  
Ó minha prima Lourdinha.

Aracati, 11 de março de 1962.

## A ABELHA QUE MORREU

Beijando o pólen da flor  
A abelha produziu mel  
Para malandro e “doutor”  
E teve sorte cruel...

Sai, um dia, do cortiço,  
Vai beber água na tina  
E por azar ou feitiço  
A pobrezinha se fina.

Era tão laboriosa!...  
Foi buscar vida e morreu,  
Quem a gente preguiçosa,  
Tanta delícia e mel deu.

E dela quem pena tem?  
Foi buscar água p’ro mel  
E o azar logo lhe vem  
Com forte dose de fel.

E aquele ingrato “senhor”,  
Cuja garganta sarou  
À custa do mel da flor,  
Nem um lutinho botou.

Eu não rogo praga, enfim,  
Nem disto faço deleite,  
Mas devia ter tal fim  
O que vende água por leite.

Muitas “abelhas” fugiram,  
Desprezaram o “cortiço”  
E outras não mais surgiram  
Ou por azar ou feitiço;

Disto muita gente sabe.  
Minha memória se embuça...  
Na cabeça de quem, cabe  
Esta dura carapuça?...

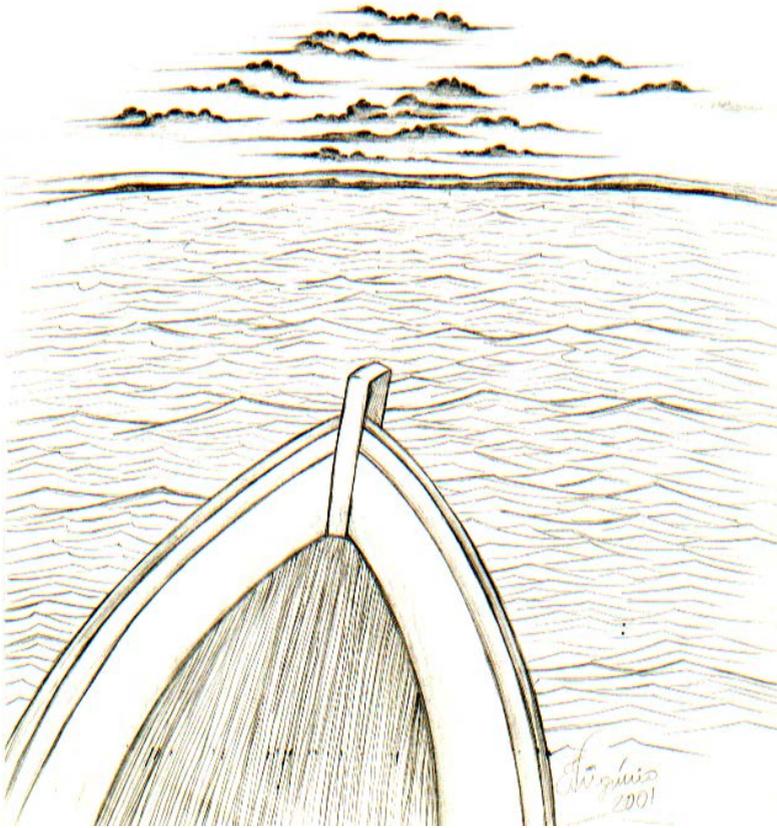
Aracati, março de 1962.

## MARES AGITADOS

Bordo do navio “Antônio Castro”,  
Na costa de Icapuí.  
Alto mar!  
Hora do crepúsculo vespertino...  
A tarde lilás agoniza  
Tal qual o meu destino.  
A noite assanhada pelo vento,  
Merencória se aproxima  
No seu palco de azeviche.  
Magotes de nuvens pardacentas  
Vagueiam pelo céu,  
Impelidos pelo vento.  
O oceano inquieto e gemebundo,  
Encrespa-se de ondas  
De cabeças brancas e agitadas,  
Que se deitam nos braços de outras ondas  
E fogem para o desconhecido,  
A chorar tristes lágrimas de espumas,  
Com saudade do dia que se esconde  
No horizonte, atrás das negras brumas...  
O poente cerra a cortina imensa  
Da sua longínqua alcova.  
Cai a noite, enfim,  
Tétrica, medonha,  
Igual à dor que mora em mim!...  
Envolta no seu negro manto de veludo  
A noite envolve o mundo e amedronta tudo!  
Sinto faltar-me a calma  
Que o coração alenta...

## II

Sinto ferida a alma.  
No fundo labirinto do meu peito  
Estua uma tremenda mágoa  
Que arranca dos meus olhos tristes  
Duas trêmulas gotas d'água;  
Contemplando-as,  
Tento recolhê-las  
À primitiva câmara  
Porém este poder não tenho.  
Conformar-me é o jeito  
Já que nesta hora escura  
O firmamento também chora  
Miríades de lágrimas de estrelas.  
Rasga-me o ser profunda nostalgia,  
Rala-me o peito um sepulcral pesar.  
Lá fora aumenta e ruge a ventania.  
O céu distante e crivado de estrelas  
É um mistério profundo!  
Em convulsões estorcem-se as ondas,  
Enquanto eu sinto n'alma  
A universal agonia  
De todos os miseráveis deste mundo,  
De todos os infelizes como eu.  
A noite é negra como breu!  
O velho "ANTÔNIO CASTRO"  
Impassível ao meu sentir,  
Aderna lentamente  
De bombordo p'ra boreste,  
E, cambaleante, parece submergir.





As vagas pulam flocadas de espumas  
E choram de raiva e desespero  
Rasgando o seio esmeraldino  
Do caduco e trêmulo oceano!  
Ai! Como é triste e tenebroso o mar!...  
Neurótico, na sua eterna impaciência  
Vive tão intranquilo  
Com o coração humano.  
E eu, pensativo e tristonho,  
Enleado numa espessa teia  
De preocupações e saudades,  
Estático me ponho a contemplá-lo.  
Sinto toda a sua enorme tristeza,  
Medito no seu imenso perigo  
E, finalmente, o acho parecido comigo.  
E por quê?  
É que dentro de mim  
No imo do meu eu  
Também existe um mar.  
Sim!  
Um oceano invisível,  
Incógnito das cartas geográficas,  
Eu tenho dentro d'alma,  
Desde longos anos,  
Que chora e solta gemidos mais tristes  
E ergue vagas mais altas  
Que o Atlântico e o Pacífico!  
Nele encapelam-se, muitas vezes,  
Os vagalhões da DOR,  
Grassam as bodelhas do tédio,  
Avultam os vendavais da revolta,  
Erguem-se os sargaços dos reveses,  
Ecoam os bramidos do desespero  
E sobrenadam pétalas de saudade.

## IV

Neste oceano que oculta  
Gigantescas penedias,  
Já se deram vários naufrágios:  
Revelou meu AMOR,  
Afogou-se minha CONFIANÇA,  
Submergiu minha ALEGRIA,  
Esboçou-se minha CALMA,  
Definhou minha CRENÇA  
E... Entibiou a minh'ALMA.  
E o pior de tudo é, que,  
Neste oceano que se agita em mim  
Não existem salva-vidas,  
Nem brancos escaleres.  
Nele, apenas vagueia  
Toda esfarrapada,  
À toa e já cansada  
Uma pálida ESPERANÇA...  
E quem sabe se será salva?  
Insulado,  
Esmorecido e fraquejante,  
A todos estes naufrágios  
Apenas eu assisto.  
É que o meu misterioso OCEANO,  
Da humanidade desconhecido,  
E pontilhado de cadáveres  
De SENTIMENTOS idos,  
Se chama CORAÇÃO  
E vomita os seus SENTIMENTAIS DESTROÇOS  
Numa tortuosa e solitária COSTA,  
Lá na PRAIA DAS ILUSÕES PERDIDAS!...

# Trovas



Sendo a própria Onipotência  
E autor da vida, Jesus,  
Espelho de paciência,  
Por nós morreu numa cruz.

Não tenho veia poética,  
Sou apenas um rimador;  
O que escrevo é sem estética,  
Para expressar minha dor.

Eis a verdade completa,  
Minha única virtude:  
Em moço quis ser poeta,  
Morro velho e nunca pude.

Naturais deste Nordeste,  
O filho do esquecimento.  
Nós somos, ninguém conteste,  
O espelho do sofrimento.

Jangadeiro nordestino,  
Na tempestade ou na aragem,  
És, por força do destino,  
Um espelho de coragem.

Montando o corcel ligeiro,  
Some na caatinga escura  
O nordestino vaqueiro,  
Vero espelho de bravura.

O espelho da lua é o mar,  
Que se espreguiça na areia,  
Fatigado de escutar  
Melodias de sereia.

Creio na vida do Além,  
Plena de amor e de luz,  
Mansão de quem faz o bem,  
Cujo caminho é JESUS.

Dissimule bem seu mal  
Com três simples fantasias,  
Esta vida é um carnaval,  
Que dura apenas três dias.

Brilhante engastado em ouro,  
Gota de Filosofia,  
A TROVA é belo tesouro,  
Um mar de sabedoria.

Canoa desgovernada,  
Sempre a rodar no funil,  
Por mil ladrões tripulada:  
O retrato do Brasil.

Trovador não tem Dr.,  
Mas possui grande valor,  
Mesmo que na escrita erre,  
Tem idéias de doutor.

A gente quando envelhece,  
Fica de rosto vincado,  
A força desaparece,  
Vem saudade de passado.

A velhice é sol poente,  
Baú cheio de memórias  
Que o passado faz presente,  
Resumindo mil histórias.

Eu sempre fico a pensar  
O quanto o céu é distante,  
A vida um longo penar  
E a morte só um instante.

De suspiros de tristeza  
Tenho os lábios ressecados  
Dos beijos que planejei,  
Porém jamais foram dados.

Eu quisera ser criança  
Pra matar os meus anseios  
De dormir em teu regaço,  
Aquecido por teus seios.

Meu Deus, que sorte sem pro  
É a do cego de guia:  
Sentir o calor do sol  
E não ver a luz do dia!

Quem possui amor distante,  
Ama por correspondência.  
Não há dor mais cruciante  
Que a infligida pela ausência.

Quanto maior é o amor,  
Mas dói a separação,  
Pois a ausência é um punhal  
Que alanceia o coração.

Aquele que rouba ou lesa  
O pobre seu subalterno,  
Não tem santo nem tem reza  
Para livrá-lo do Inferno.

A saudade é um punhal,  
Que maltrata, mas não fura.  
Saudade – terrível mal,  
Que a Medicina não cura.

Para que guardar dinheiro?  
Muito mais vale o renome.  
Seja honesto e justiceiro;  
Morre o homem, fica o nome.

Quase manhã. Alvorada.  
O pescador rumo ao mar  
Vai, na lépida jangada,  
Sem certeza de voltar.

Beijo, símbolo do amor?!  
Com um beijo às horas mudas,  
O Cristo – Nosso Senhor,  
Foi, sim traído por Judas.

Eu gastei em dura lida  
A saúde no passado,  
Agora, no fim da vida,  
Sou um pobre aposentado.

Na dura Escola da Vida,  
Eu fiz Curso de Mestrado,  
Ganhando na dura lida,  
Diploma de aposentado.

Cem donzelas namorei,  
Mas minha sorte foi tanta,  
Que, dentre as muitas que amei,  
Casei-me com uma santa.

Deve-se a vida gozar  
Em noitadas de sonatas:  
Amor, cachaça e Luar,  
Motivo das serenatas.

Era tal o seu encanto,  
Que senti uma vertigem  
De vontade de abraçar  
Seu moreno corpo virgem.

Ela é Celeste terrena,  
Bonita como uma santa;  
É branca, não é morena,  
Sua beleza me encanta.

Precisa o homem estudar,  
Para poder ter raiz,  
Pois é com homem e livros  
Que se constrói um País.

Alegria, para mim,  
É ver a vida sorrir,  
É ver flores no jardim  
E o roseiral a florir.

Pensando na Eternidade,  
Praticarás a virtude;  
O gozo da vida é quimera,  
Que só aos tolos ilude.

Quem tem longe sua amada,  
Não goza de tranqüilidade,  
Porque tem n'alma aninhada  
A amargura da saudade.

O homem que não trabalha,  
Quer cevar a indolência;  
A poupança se esmigalha,  
Cedo lhe vem a demência.

O terrível sofrimento  
Que me rala o coração  
E é o foco do meu tormento,  
O seu nome é solidão.

Certo filho, com esturro,  
Língua afiada qual foice,  
A seu pai chama de burro,  
Mas, burro é o que deu o coice.

Fitando o céu azulino  
Vejo lá a minha esposa,  
Falando com Deus-Menino,  
A pedir-lhe alguma cousa.

Para mim, perseverança,  
Para a prole luz é siso,  
Para que, com segurança,  
Entremos no Paraíso.

O perfume do teu corpo  
Me embriaga e deixa louco,  
Para acalmar meu desejo,  
Mil beijos ainda é pouco.

Essa formosa mulher  
Não sai do pensamento,  
O diabo é que ela só quer  
Me falar em casamento.

Depois de cúpido olhar,  
Dei-lhe um abraço de jeito,  
E senti o palpitar  
De seu peito no meu peito.

Ao ouvir o seu suspiro,  
Revelador de desejos,  
Colei meus lábios nos seus,  
Sufocando-a com meus beijos.

Do passado sofrimento,  
Eu recebo um benefício,  
E chamam de rendimento  
Meu passado sacrifício.

Na terra onde benefício  
For na verdade uma renda,  
Jumento é dono de ofício,  
Burro merece Comenda.

Minha resposta a quem diga  
Ponha termo à viuvez:  
O amor é como a bexiga  
Que dá somente uma vez.

São José é gente boa,  
Como ele ninguém é;  
Nunca faz pedido à toa,  
Quem recorre a São José.

Não é coisa de somenos,  
Porém mensagem verás:  
O homem pecava menos,  
Se “elas” se cobrissem mais.

Majorlândia. Maré cheia  
E muita gente na praia,  
As ondas beijando a areia,  
E as moças tirando a saia.

Livro daqui, meu amigo,  
Eu não lhe empresto mais não,  
Para não ter o castigo  
De “Cem Anos de Solidão”.

Todo e qualquer cidadão,  
Namorando uma mulher,  
A seu pai lhe pede a mão,  
Sem ser isto o que ele quer.

O maior crime do mundo  
Ordenado pelos judeus,  
Foi injusto, foi imundo  
Pois foi feito contra Deus.

O Justo foi condenado,  
E o Justo era Jesus  
Que morreu crucificado  
Por nós numa grande cruz.

E a vítima foi Jesus  
O santo filho de Deus,  
Que ao mundo trouxe a luz  
E combateu os erros seus.

Érika, neta querida!  
Nossa vida é diferente  
Tu, astro em plena vida  
E eu um sol do poente...

Deus, em apenas seis dias,  
(E foi bem curta a jornada),  
Teve uma idéia feliz,  
Fazendo o mundo de um nada.  
E eu no mundo nada fiz  
Em tão longa temporada.

Nossa língua portuguesa,  
É bem linda, de verdade,  
Além de sua beleza,  
Tem a palavra saudade.

Há estrias no meu rosto,  
Mas não em meu coração  
Embora eu pareça um sol posto,  
Sem qualquer luz e clarão!

O galho de buganvília  
Que a brisa beija e balança  
Parece até meu viver,  
Sem amor nem esperança.

## **Crônicas e Outros Textos**



## CARNAVAL DA TRISTEZA

Em sua preciosa obra “RUBAYAT”, assim se expressou Omar

Khayyam:

Uma rosa dizia:

Sou a maravilha do universo.

Será possível que um perfumista

Tenha coragem de fazer-me sofrer?

Um rouxinol contou:

Um dia de felicidade prepara um ano de lágrimas”.

Os festejos consagrados ao rei “Momo”, em Aracati, tiveram seu início ruidoso e alegre, para coroá-lo a mais profunda melancolia.

No Domingo, dia 13 de fevereiro, blocos mominos e foliões de várias espécies e castas sociais desfilavam eufóricos pelas ruas da cidade, ao compasso cadenciado de suas baterias, ateando alegria ao coração do povo.

Verdadeira massa humana apinhava as vias públicas, exibindo, em sua maioria, trajes de variadas cores, muitos deles até exóticos, dando à cidade uma nota verdadeiramente policrômica. Parecia até que a alegria contagiava os corações dos participantes daquela loucura carnavalesca do ano de 1972.

Desfilavam blocos elegantes, luxuosos, em admirável promiscuidade com as turmas da bagunça. Decentes, eram apenas o das “Ciganas Feiticeiras” com trajes de vários matizes; o dos “Índios”, com vestes e cocares de penas variegadas e, finalmente, o do “Caveira”, trajando calças brancas com pigmentos negros e camisas pretas com caveiras às costas. Diante da realidade desta vida transitória, foi este último o que mais me chamou atenção, porque, todos nós, um dia, queiramos ou não, seremos caveiras.

Certo é, que, sem pensar nisso, todos desfilavam alegremente sob um céu sem sol e toldado de nuvens, o que nos impregnou a alma de um sentimento de verdadeira tristeza. O tempo estava nublado, bem nublado mesmo, talvez prenunciando chuva.

Sol é luz, é calor, é prazer. E a real alegria só impera com intensidade em dias e ambientes claros e luminosos.

Não sabemos por que pressentimento, mas na terça-feira de carnaval, enquanto os foliões e o povo que os acompanhava cantavam e saracoteavam loucamente, ao som de suas orquestras, o autor desta crônica sentia uma profunda tristeza roer-lhe o coração. Porque não havia sol, ou talvez, porque este ano não saíra à rua o interessantíssimo arranjo do astucioso “Chico de Janes”. Ele estivera doente às vésperas do carnaval, e por isso o seu tradicional e famoso arranjo não pôde se exhibir, muito embora aquele cidadão aparentar-se recuperado. Como as aparências enganam!

Falemos agora, do “Chico de Janes”.

Desnecessário se faz esboçar a biografia desse estimado cidadão, porquanto todos, aqui, o conhecíamos bem. O “Chico de Janes” não ingeria bebidas alcoólicas, todavia era o folião mais gozado e original que já tivemos de conhecer. À passagem da turma por ele organizada, todos riam a bom rir, espontaneamente.

Proprietário do mais antigo e tradicional hotel da cidade, num dos últimos carnavais, ele exibiu um arranjo alusivo à sua profissão de hoteleiro: um carro alegórico simulando um hotel, onde havia o mais exótico e variado cardápio: “rato frito”, “lagartixa ao molho”, “sapo cozido”, “cobra assada”, “canja de urubu”, “salada de urtiga e xiquexique”, “baiacu cozido com leite de coco” e interessante é que ainda conduzia no seu “Hotel Ambulante” um “viveiro” contendo grande parte dos diversos espécimes com que preparava o seu extravagante cardápio.

O “Chico de Janes”, com a sua simplicidade invulgar, sabia divertir-se e divertir aos outros. Todo mundo fazia questão de ver de perto aqueles arranjos que ele, excepcionalmente, preparava para apresentar ao público durante o tríduo carnavalesco.

Este ano, porém, a conselho do seu médico, não pôde exibir o arranjo antecipadamente preparado para apresentação neste carnaval. Mesmo assim, sob custódia médica, da porta de sua residência assistiu à passagem dos blocos, aplaudindo-os.

O bloco de sua predileção era o da CAVEIRA, do qual era integrante o seu filho José Flávio de Lima Zaranza. Triste e fatal coincidência! Pois foi precisamente à passagem do Bloco da “Caveira” que o entusiasmo lhe tocou as fibras mais íntimas do seu enfermo coração, provocando-lhe uma recaída. Empalideceu. Desmaiou. Levaram-no para o Hospital Santa Luiza de Marillac. Ali, os facultativos empregaram todos os recursos da ciência, porém tudo foi inútil. O infarto fora violento. O nosso estimado e inesquecível amigo estava morto. Aquele sentimento de entusiasmo e alegria que pouco antes manifestara ao ver passar o bloco da “Caveira”, fez parar o seu velho coração, trazendo para a sua enlutada família incontáveis anos de lágrimas...

“... Um dia de felicidade prepara um ano de lágrimas”...

A nossa vida é repleta desses transe de dor.

A população de Aracati estimava o “Chico de Janes” por tudo: pelas piadas interessantes que dizia, pela bondade que lhe era inata, pela caridade que costumava fazer aos seus semelhantes mais necessitados. Estamos ao corrente das ações genuinamente humanitárias que ele praticava ocultamente, sem alarde. Temos, também, pleno conhecimento de que o nuper-falecido Chico de Janes, que durante quase meio século exerceu o cargo dele de Delegado

de Polícia desta cidade, como suplente, quando no exercício daquele cargo era, usando do seu prestígio pessoas, e às vezes, de sua própria autoridade, pôr em liberdade presos correcionais. Corações do tamanho do seu, são raríssimos nos dias atuais.

Os aracatienses, que tanto o estimavam e admiravam quando vivo também souberam pranteá-lo e respeitá-lo depois de morto. Tão logo foi publicada a fatal e inesperada notícia, os foliões cessaram o divertimento e os blocos, silenciosos, recolheram-se às respectivas sedes, numa autêntica demonstração de pesar e respeito para com seu ídolo recém-falecido. Silenciosa, a massa humana transitava pelas ruas, considerando o Chico de Janes um patrimônio da cidade que também emudeceu, solidarizando-se com o luto da família golpeada de surpresa. Tudo isso traduz explicitamente elevado grau de sentimento dos nossos munícipes.

Assim, o dia 15 de fevereiro de 1972, terça-feira de carnaval, constituiu-se para o Aracati num autêntico "Dia de Finados". Eram as "cinzas" antecipadas da quarta-feira: "lembra-te, homem, de que és pó e em pó te converterás".

A multidão que no dia seguinte ao seu decesso o acompanhou, chorosa, à última morada, foi uma patente revelação do quanto ele era estimado pelos seus conterrâneos. A mole humana que lá estava era comparável à que se fez presente ao enterro de Mons. Bruno Figueiredo. Parecia até procissão de festa de padroeiro.

No cemitério, vimos cenas de pungir o coração: mulheres e até homens, chorando copiosamente. De joelhos, sobre a cova rasa do pranteado extinto, uma prostituta em pranto, a soluçar: "Meu Deus, por que tirastes o meu protetor, meu amigo e meu irmão Chico de Janes? Agora, que será de mim, quando eu for presa?"... Ignoro o nome da tal mulher; sei apenas que, aqui, era conhecida por "Mineira", certamente por haver nascido em Minas Gerais. Certo é, que era viciada em bebidas alcólicas, e rara era a semana em que não ía

presa por desordens. E o nosso nuper-falecido era o seu "hábeas corpus", para pô-la em liberdade. Esta, a justa razão das suas lamentações e suas lágrimas sobre o túmulo do seu grande benfeitor.

Agora, só nos resta o dever de apresentar à família enlutada o nosso voto de pesar e a nossa palavra de solidariedade à sua dor, e perda irreparável.

13 de fevereiro de 1972.

## RETALHOS

Maria nasceu e levou uma infância tranqüila e feliz a brincar de boneca juntamente com outras meninas da vizinhança. Atingiu a adolescência e tornou-se uma jovem bonita e simpática, porém vivia preocupada e possuída de sentimentos indefinidos e ocultos. Depois começou a sentir uma inexplicável transformação em si própria, no físico: a voz masculina, a face apresentando farta plumagem assim como vestígios de barba, e outras anormalidades físicas exteriores que destoavam do belo sexo que até então possuía. Em face dessa extraordinária e acentuada metamorfose, torna-se meio encabulada e apreensiva. Recorre ao médico da família. Quer ser examinada urgente e cuidadosamente. Minuciosamente. É atendida, e a ciência revela e confirma o que Maria há meses vinha suspeitando: era homem de verdade, com órgãos sexuais camuflados de feminino. Opera-se e retorna ao lar paterno. Não mais aquela moça taciturna e preocupada com problemas sérios e desconhecidos, mas um varão feliz, jovial e decidido a encarar as dificuldades da vida que agora lhe apresentava por um prisma todo diferente.

Acontece, porém, que, com a mudança de sexo, Maria terá, inapelavelmente, que adotar outro nome. Um nome masculino. O de Mário, por exemplo. Mas a sua identidade religiosa? Deverá ser rebatizada para tomar nome diferente já que mudou de sexo?

Qual a sua atual situação perante o Cartório de Registro Civil? Uma justificação judicial para retificar o nome e o sexo, ou novo registro de nascimento?

A pessoa física e a filiação não mudaram. São as mesmas. O que houve foi apenas atrofia ou retardamento na evolução de alguns órgãos.

A natureza nos faz cada surpresa e nos mostra cada espetáculo e cada "abacaxi"!

. . .

Disse-nos Raimundo Herculano, consignatário de “O Jumento, Nosso Irmão”, nesta cidade, que ao ler pela primeira vez essa maravilhosa obra escrita pelo admirável Pe. Antônio Vieira, concentrou-se de tal maneira na leitura do livro, que chegou a se esquecer de que o tempo corria. Disse ele, ainda, que, fazendo certa hora da noite, uma pausa para descansar a vista, ouvindo o relincho de um jumento boêmio e seresteiro que dialogava com as flores do canteiro existente na frente de sua residência. Nisto olhou para o relógio. Eram precisamente 22h:30m. A luz da cidade ia se apagar.

Afirmou-nos o Herculano que aquele zurro fora um sinal do jumento que estava de folga, avisando ao que lia que já eram horas de dormir, pois as horas dos relógios de ambos conferiam. E finalizando, saiu-se com esta: “O certo é que o jumento que lia, tinha o pensamento concentrado em “nosso irmão” que “cantava” e “pastava flores”.

. . .

No verão do ano próximo passado, o bancário Francisco Carvalho de Oliveira, que se achava em visita a esta cidade, pedia ao seu colega conterrâneo João Meireles Gondim, uma “carona” para si e mais três familiares irem a nossa encantadora praia de MAJORLÂNDIA. Diante do pedido o João Meireles responde: “rapaz, se você tivesse me falado essas passagens antes, seria fácil de arranjá-las. Agora é tarde porque o meu “jeep” comporta apenas seis passageiros e eu já estou comprometido com cinco amigos.”

Calmo e deixando transparecer um sorriso de desilusão e ironia, o Francisco Carvalho retruca admirado: “Puxa, rapaz, como você é feliz! Já possui cinco amigos?!”

Ouvi e guardei essa célebre frase na memória para nunca mais esquecer.

Realmente, nos dias atuais, os verdadeiros amigos são muito raros. Creio que entre mil pessoas que nos rodeiam, incensam e lisonjeiam, talvez apenas uma seja amiga de verdade. As outras novecentas e noventa e nove, são semelhantes a Judas, Calabar e Rocamboles. Enquanto os seus lábios nos osculam a face e a mão esquerda nos acaricia a fronte, o seu coração nos trai e a sua destra nos rouba e apunhala. Pelo menos a crença e a esperança.

## UM COMENTÁRIO E UMA SUGESTÃO

Há poucos dias, em palestra com pessoas de minha intimidade, dizia-lhes do meu profundo desgosto de ver que, nesta bonita e tradicional cidade tão fértil de valores intelectuais e renomados estabelecimentos de ensino, infelizmente faltavam entre outras cousas de imprescindível necessidade, energia elétrica e, pelo menos, um periódico noticioso e literário, mensal.

Cria-me possuído de inteira razão, porque, terra sem jornal é terra sem luz. E aqui estavam faltando as duas cousas: um periódico para desenvolver e exhibir a cultura dos nossos conterrâneos, e a luz elétrica para alegrar os nossos lares, rejuvenescer o nosso semblante e, ao mesmo tempo, aumentar as nossas possibilidades intelectuais.

Ambas as cousas possuem quase o mesmo significado. Ambas iluminam: uma, as sinfonias que cantam e as maravilhas que surgem no campo da nossa imaginação; a outra, toda esta intérmina harmonia de beleza e magnitude que se descortina diante dos nossos olhos. A primeira nos revela Deus, enquanto que a segunda nos descobre o universo e seus segredos.

Debulhando o meu rosário de lamentações, fiz ver àquelas pessoas que tudo isso me entristecia, principalmente quando lançava um olhar retrospectivo para o Aracati de vinte e oito anos passados.

Naquele tempo – é com satisfação que relembro – circulava, aqui, “O Jaguaribe”, dirigido pelo Sr. João Freire de Andrade, de saudosa memória, e seus filhos Jorge, Júlio e Jareco Freire. Havia também “A Idéia”, redigida pelo Sr. Cursino Pessoa, que possuía como principais colaboradores o Dr. Eduardo Alves Dias e o estudante Abelardo Gurgel Costa Lima. Além desses dois hebdomadários de responsabilidade e idéias opostas, tínhamos, ainda, os semanários críticos: “A

Metralha”, dirigida pelo rabiscador destas linhas mais Newton e Adalberto Gurjão Pessoa, e José Eugênio da Costa, já falecido, e “A Lamparina”, que possuía como redatores Carlito Barbosa Caminha, Leonardo de Paulo e José Ferreira Lima, este há muito falecido.

Naquela época a energia elétrica não era lá muito boa, mas raramente faltava. Ah! Tempo velho bom! Pelo menos possuíamos aquelas duas aparentes e permanentes demonstrações de progresso e força de vontade.

Ainda não se havia passado um mês da minha censura aos atuais e poderosos filhos de Aracati, quando fui procurado pelo meu jovem amigo e compadre Abelardo Monteiro Costa Lima, que me pedia uma colaboração para um jornal que pretendia editar nesta cidade. Senti um grande pânico, uma profunda emoção, e fiquei assim como se houvesse recebido um choque.

Encontrava-me frente a frente com um moço idealista. Aliás, gestos elevados como este, só se podem esperar dos jovens. É na mocidade onde reside a esperança redentora da nossa Pátria. De todas as pátrias!

Dizem que nos rios do Amazonas existe um tal “peixe-elétrico” que, ao roçar nas árvores ribeirinhas, fá-las estremecer e, conseqüentemente, caírem os seus frutos. (Mas bem entendido: quando essas árvores têm frutos). Tal o efeito que em mim produziram aquelas esperançosas palavras do jovem Abelardo Monteiro Costa Lima.

Agora me apraz confessar de público que naquela ocasião comparei o idealista novo desta velha terra, ao “poraquê” do Amazonas. Aquelas suas palavras causaram-me o choque de um raio. Atingiam-me a mim, - pobre “açazeiro” ressequido, sem palmas nem seiva para frutificar.

Como lhe arranjar a colaboração solicitada?

Os choques também curam.

Embora velho, doente e já em declínio para o ocaso da vida, sinto que as palavras do Abelardo Monteiro Costa Lima fizeram brotar no saara do meu coração, algumas folhas verdes daquela esperança que o verão do desengano crestara. Isto significa que estou meio curado.

Com prazer, hoje verifico que nem tudo está perdido. Ainda existem homens idealistas e vontadosos.

Lamento não possuir juventude física e bastante capacidade intelectual para colaborar com eficiência com o jornal do Abelardo Filho. Contudo posso indicar-lhe onde conseguirá essa preciosa fonte de colaboradores de que tanto precisa. É só entrar em contato com as professoras Rosália Nepomunceno, Geraldite Freitas, Stelinha Moreira de Souza, Adelaide Benício, Roseldine e Roseldite Silvério Porto, e dezenas de outras moças cultas que há por aí além, e convidar para a sua grei essa plêiade de rapazes inteligentes que concluiu o curso ginásial no renomado Colégio Marista desta cidade, que desta maneira dará um passo gigante para a realização de sua sublime empreitada.

O Dr. Eduardo Alves Dias, uma verdadeira enciclopédia viva. Pena é que sofra da vista e viva sobremodo atarefado com os incalculáveis afazeres de sua profissão.

Eduardo de Carvalho Lima, uma vasta e preciosa cultura.

Isaias Bezerra, um talento de valor. Wagner José Rodrigues, um sábio oculto numa inexplicável modéstia.

O meu compadre José Borges do Rosário, também um ótimo colaborador, e, além disso, possuidor de grandes conhecimentos históricos da zona praiana e seus filhos.

E muitos outros valores que deixo de enumerar para não me tornar mais longo.

Se o Abelardo Monteiro Costa Lima puser em prática esta sugestão, poderá dispor de elementos intelectuais para fazer até dez jornais por semana.

Porém o grande mérito da obra não está apenas em fundar o jornal. Mais nobre e dignificante ainda, é mantê-lo. Aqui muitos jornais já se editaram, mas quase todos tiveram existência efêmera das rosas. "O Jaguaribe" foi o de vida mais longa. É preciso, portanto, que este viva como a "perpétua", para que se perpetue o conceito do seu fundador. Pois se lhe acontecer como aos demais, o prestígio daquele que o idealizou ficará sepultado nas "caixas de tipos" do próprio jornal. Pelo menos perante a minha opinião.

Cidade sem luz elétrica e sem jornal, é comparável a um pobre cego analfabeto. Nunca terá progresso. E bem triste é o conceito que se pode fazer dos filhos de cidades assim.

Para Aracati, a idéia bonita de Abelardo Costa Lima tem o mesmo efeito daquelas palavras de Cristo no túmulo de Lázaro: "Surge et ambula".

Quanto a mim, vejo que aquelas minhas esperanças mortas, ressuscitam.

Eis a minha sugestão, o meu pensamento e o meu estímulo.

Vou me esforçar para no próximo número lhe prestar a colaboração solicitada.

(Carta em resposta ao convite do Sr. Abelardo Monteiro Costa Lima, mediante convite para colaboração no Jornal O ARACATI.)

## TIPOS POPULARES

Existiu, há muitos anos, na vila de Fortim, deste município, uma velha viúva conhecida por “Maroca”, que morava em companhia de um filho também viúvo bastante idoso e de uma neta solteirona. A velha “Maroca” contava, presumivelmente, 90 anos de idade, e segundo nos mostra a lógica, já estava caduca e, além disso, quase cega. Não sabia mais o que fazia nem o que dizia, e só identificava raras pessoas pela voz.

O seu filho, de cor bem morena, estatura meio baixa e compleição raquítica, se chamava Bento mas era crismado pelo povo daquele lugarejo com dois apelidos: “Pé de Quenga”, em virtude de ter um pé aleijado, em formato de uma quenga de coco, e “Bento feroz”, devido ser ele inexplicavelmente neurastênico e violento no agir e no falar. Uma pequena cousa que se fizesse ou dissesse, que não combinasse com as suas idéias, recebia censura imediata, de corpo presente. Era pornográfico como uma rameira em vibrações éticas e sua violência atingia às raias da loucura.

Em tempos remotos “Pé de Quenga” fora marinheiro de galeras de velas cruzadas, tendo deixado aquela árdua profissão por duplo motivo: a idade avançada e o defeito físico de que era portador.

Naquela época não existiam, como hoje, os institutos de previdência social para amparo dos profissionais associados, na invalidez e na velhice. Por essa razão, ao deixar de ser embarcação, o “Bento Feroz”, para manter a sua pequena família teve que se dedicar à pesca.

Talvez temendo ser constantemente pungido pelas saudades dos velhos tempos em que o oceano fora o seu parque de diversões e o seu farto ganha-pão, muito raro pescava no mar. Fazia-o, contudo, com muita frequência e quase todos os dias, no piscoso rio Jaguaribe, navegando em

sua maltratada bateira sem vela, movida a remo. E assim, provia as mais urgentes necessidades do seu humílimo lar.

De fala apressada e com acentuado sotaque português na pronúncia do ‘r’ e do ‘l’, quando lhe tratavam por qualquer dos apelidos, era de fazer arrepiar cabelos: de sua boca voavam, ligeiro, mil palavrões obscenos que, atirados ao provocador de sua cólera, resvalavam e iam atingir de cheio a inocente mãe do seu desafeto.

“Pé de Quenga”, além de analfabeto, era, conforme acima mencionei, de uma estupidez inata, incomum. Creio que sua idade avançada e a vida de privações que levava, muito contribuísssem para aquilo. Mesmo assim era o imprescindível ao esteio de sua família.

Certa vez, ao regressar da pescaria, (naquele dia ele tinha ido ao mar), levou para casa um uru contendo várias qualidades de peixe. À hora da refeição, a velha “Maroca”, na inocência de sua caduquice, de nenhum se agradou. A essa altura, em face da inapetência de sua genitora, o ‘Bento Feroz” incendiou-se de raiva e saiu-se com esta: “Minha mãe não come biquara, minha mãe não come cangulo, minha mãe não come cavala, pois coma o diabo, coma o diabo”.

. . .

A tapera onde morava o Bento com sua pequena família ficava bem perto do paredão do açude que há no Fortim.

Um dia, antes do romper da aurora, ele se levantara para ir pescar, e notou que a velha não estava na rede. Procurou-a nos demais compartimentos e em torno da casa e nada de a encontrar. Deu ainda várias buscas pela vizinhança, e nem vestígio de dona “Maroca”. Diante do inexplicável desaparecimento de sua genitora, o Bento deu logo sinal de alarma.

Naquele dia, era esperado um navio no porto do Fortim. Alarmados com a notícia, saíram diversos estivadores à procura da desaparecida. Depois de inúmeras e infrutíferas buscas, o nosso prezado José Carapuça, cuidadoso como sempre foi no desempenho de toda e qualquer missão de que se incumbia, teve a iniciativa de olhar para dentro do açude, e, com pesar, avistou a velhinha boiando, com a roupa descomposta e um talo de milho debaixo do braço. Morrera afogada. Em face do triste quadro que deparava, o nosso José Carapuça gritou: "Bentinho, vem cá!" E apontando para dentro do açude: "Está ali o cadáver de dona "Maroca". E o "Pé de Quenga" contemplando aflito o trágico e irremediável fim de sua mãe, exclamou em forte crise de choro: "É isto mesmo... aquilo que a gente mais estima neste mundo, quando menos se espera vem o diabo e o carrega... vem o diabo e o carrega..."

Estranhas manifestações de amor filial!

## 2 DE NOVEMBRO

Hoje se rememora o dia dos mortos. Esta data a eles pertence e ninguém lhes pode negar o tributo de gratidão que merecem.

Só Deus sabe onde residem, atualmente, os seus espíritos, e o motivo por que cedo partiram desta para melhor vida.

Ai! Quanto pesa esta data, inexplicável, sobre o coração daqueles que têm os seus entes queridos ausentes deste vale de lágrimas! Tal sentir revela os prantos que vertem e os braçados de rosas e coroas que conduzem para o cemitério.

Neste dia que reputo sagrado, quero atapetar com as flores indeléveis da saudade e da recordação, a memória daquele bravo e humilde marinheiro que foi a origem da minha existência – meu pai.

Meu pai, no longo período de sete anos padeceste nos meus braços de filho angustiado, o acicate de dores inexplicáveis. Apesar de todo aquele imenso sofrimento que desbastava o teu corpo para lapidar o mármore puro de tua alma, ainda desabrochava nos teus lábios silenciosos e emurchecidos, a flor de um sorriso de conformação e tranqüilidade. É que foste moldado na escola do trabalho e do sofrimento, e a vida, desde o começo, sempre foi para ti um intérmino rosário de lágrimas e martírios.

Como eu te amava e compreendia! Mesmo doente e definhado, a tua existência constituía uma esperança e um conforto para mim. Apenas o teu físico era mórbido. Os teus conselhos eram sábios, preciosos e salutares. Mas Deus, na sua infinita sabedoria, achou por bem te remover. Morreste. E desde então a tua ausência transformou-se para mim uma impreenchível lacuna. Hoje me falta a sabedoria dos teus conselhos e, sobretudo, o espelho sem jaça das tuas virtudes.

Agora as tuas cinzas jazem acamadas no âmago frio e solitário numa humilde sepultura de onde ressurgirão no dia do juízo final, ao som da trombeta do Anjo do Senhor.

Meu pai, bem sabes que esta vida é rápida como um sonho e cheia de tropeços, que a eternidade é infinita como Deus. Por isto, neste dia que pertence a ti e aos teus colegas de eternidade, peço-te rogues a Deus pela minha alma e pela dos teus descendentes que moram e demoram neste vale de aflições e desgostos.

Meu pai, se para o campo santo onde jazem as tuas cinzas hoje não levei coroas de flores artificiais, entretanto te enviei, do íntimo do meu coração de filho amargurado e reconhecido, a grinalda lilás da minha imorredora saudade...

Lá do trono luminoso e infinito onde habitas, roga ao Criador de todas as cousas pelos que aqui permanecem. Recebe, mais uma vez, as pétalas roxas de nossa saudade, e até breve quando as nossas almas se encontrarem no seio dos justos...

Aracati, 02 de novembro de 1963.

## O ÚLTIMO LIVRO QUE LI

Há muito tempo que, ou por 'quebradeira" ou comodismo, deixei de assistir a filmes e a encenações teatrais.

Dramas, só mesmo os reais. Aqueles a que a gente é obrigada a assistir no confuso palco da própria vida. E estes, para falar a verdade, sempre têm sido para mim tragédias sucessivas, continuadas, infindas. Assim, vivendo eu uma vida referta de emocionantes tragédias e penosos martírios, acho que não me fica bem deixar toldar o meu espírito e a imaginação com cenas fictícias, giradas em torno de personagens imaginárias. Prefiro antes a realidade da vida com todo o seu intérimo rosário de cruzeiras e palpáveis desenganos.

Mas o nosso espírito necessita de distrações. Dirão certamente. Encontro-as na leitura dos bons autores. Nos mestres da boa linguagem e ideais alevantados.

Sem embargo de primário, sou bastante dedicado à leitura dos bons livros. Quando estes me faltam, leio tudo que me aparece. Sou como o "vira-lata": à falta de uma boa fatia de carne, qualquer osso serve.

É lendo que consigo amenizar as minhas tragédias cotidianas. E às vezes revivo-as com mais tonalidade e até em dobro.

. . .

Em dias de agosto próximo findo, em visita ao meu grande amigo e compadre José Borges do Rosário, tive a agradável e inesperada surpresa de, em sua desarrumada estante avistar um bonito volume intitulado "100 CORTES SEM RECORTES", escrito pelo culto, destemido e indomável Padre Antônio Vieira. O Autor já me era muito conhecido através de artigos de jornais. E eu que sempre lhe admirei o estilo, as

idéias e o magnífico sistema de sentir e se expressar, fiquei logo danado pelo livro. Porém permaneci em silêncio. Então, o compadre José Borges, inteligente e perspicaz, lendo no livro dos meus olhos o ardente desejo que eu manifestava de ler aquela interessante brochura, ofereceu-m'a por empréstimo. Aceitei-a com indizível satisfação. E nem precisava que m'a emprestasse tão generosamente, pois eu já ia abrindo a boca para pedi-la.

Levei o livro para casa e li-o desesperadamente, com a voracidade de um faminto depois de uma quarentena de jejum.

A obra é formidável e maravilhosa! "Nec plus ultra". Obriga-nos a devorá-la com a máxima atenção, desde ANTES DO COMEÇO até OS MISTÉRIOS DA PROVIDÊNCIA DIVINA. A linguagem encantadora e luminosa como o sol de agosto do Ceará. Uma delícia que deslumbra a inteligência e sacia o espírito e o coração. As frases são belas como as brancas rendas de espuma que debruam a praia da nossa encantadora Majorlândia! Variam de acordo com o título da crônica e o sentimento que requer a tela idealizada. Ora são serenas e maviosas como um murmúrio da brisa, ora fortes e causticantes como labaredas de queimadas. O livro todo é entremeado de verdadeira poesia onde não faltam farfalhar de palmares e gemidos de ciprestes; trinados galo de campina e dolentes suspiros de juriti.

Cada crônica encerra uma realidade da vida.

O caráter, o procedimento e a alma da maioria dos homens de hoje, ali estão pintados tal e qual são. Sem faltar um ponto, sequer.

Quando eu estiver folgado de dinheiro, vou comprar três volumes de 100 CORTES SEM RECORTES: um para reler constantemente, um para guardar na minha humilde estante e outro para emprestar. Pois tenho plena certeza de que se

comprar só um e emprestá-lo, não mais voltará às minhas mãos. Tão valioso e interessante é o livro.

Ao compadre José Borges do Rosário, o meu muito obrigado pela magnífica oportunidade que me ofereceu de conhecer uma obra tão maravilhosa.

Ao Padre Antônio Vieira, a minha admiração pela extraordinária inteligência e perícia com que pintou a realidade da vida e o fiel retrato dos homens.

“Ladrão e Barão” são umas cousas naturais que já se tornam inerentes às nossas altas camadas políticas e administrativas. E no Brasil só gente desta espécie é quem consegue galgar elevadas posições de mando. Isto, porque, a “porcaria” e “o pior lixo”, aqui são donos de tudo.

Padre Antônio Vieira, que Deus lhe conserve a indomável coragem, conceda-lhe a longevidade de Matusalém e um pulso de Hércules para que continue a escrever sempre. A escrever com a mesma clareza e destemor, sobre outros assuntos e outras verdades.

Aracati, 01 de setembro de 1963.

Publicado em “O Povo” de 12/09/63

## PANORAMA

Encontro-me a bordo do navio mercante “GUARACIABA”, ao largo da barra de Parajuru, do município de Beberibe.

Acordo. São quatro horas da manhã. Sento-me na rede e depois de recitar baixinho as minhas costumeiras orações matutinas, começo a debulhar o terço – meu inseparável companheiro – cumprindo, assim, a grande devoção que deposito na excelsa Virgem Mãe de Deus.

Os meus companheiros de trabalho quase dormem a bom dormir, com exceção do meu parente e particular amigo Leôncio Teixeira do Nascimento, que, lidando com quatro linhas munidas de anzóis, pesca, fuma e tosse sem cessar.

O “terral” areja de leve e eu começo a sentir as incômodas punhaladas do frio penetrarem na minha pele.

Não fora a tosse impertinente do Leôncio, o silêncio seria quase completo. No entanto, afora a tosse do Leôncio, apenas se ouvem os gemidos dolentes e ininterruptos das ondas a se debruçarem umas sobre as outras em irrequieta e intérmina agonia. Os estertores do mar, nesta hora de preces, inoculam em meu coração uma flébil canção de saudades. Saudades da minha aldeia natal, da minha infância descuidada, da minha adolescência inexperiente, e, sobretudo, da vida que não vivi.

Os gemidos do mar são lúgubres e infinitos como ele mesmo: não param nunca, e os seus ecos não encontram ressonância nas intangíveis paredes do Universo.

No alto mar, as vagas contorcendo-se no vasto lençol das águas, não acham um ponto de apoio onde possam repousar. Cansadas daquele permanente fluxo e refluxo, vão, descuidosamente, espreguiçar-se na branca areia da praia

onde morrem e ficam sepultadas para sempre. Aí o seu sono se perpetua através dos séculos.

As ondas que rolam sobre a praia são semelhantes aos suicidas: finam-se pela própria vontade e jamais ressuscitam... Somente aquelas que ainda são vivas e não sentiram o falso contato da areia movediça da praia, continuam gemendo e lamentando o desaparecimento brusco das companheiras que não tornam mais.

Aqueles chorosos lamentos, são o luto do mar rezando a litania da saudade no túmulo das vagas desaparecidas...

O tempo corre célere. Já são seis horas da manhã. Um ilimitado manto pardacento estende-se pela amplidão do firmamento. O sol quer aparecer, porém as nuvens, como que negras de raiva, proíbem-lhe de dardejar os seus raios dourados sobre a terra semi-adormecida. É a luta pacífica da natureza porfiando consigo mesma.

O meu olhar se distende em direção à orla da costa e outra cousa não vê além do alvo e imensurável lençol de neve que envolve os morros e coqueirais que margeam a costa de Parajuru. Patético me ponho a admirar aquele panorama indescritível e encantador! A terra vestida com aquele comprido branco manto de névoa, fica pálida e como que coberta de pudor, até parecendo uma virgem recém-desposada.

O vento vai refrescando e arregaçando, lentamente, a alva e imensa cortina que está pendurada nas bordas do firmamento. E o sol, novamente, num esforço inaudito e supremo, rasga a espessura plúmbea das nuvens, e envia a terra o seu primeiro olhar e o seu primeiro beijo! E a terra, ainda meio invisível, aparece na penumbra do horizonte, assim como uma noiva trêmula de acanhamento, saindo da alcova no seu primeiro dia de núpcias...

O sol vai alteando sempre, e enviando-lhe o ósculo cálido e demorado do amor e da carícia.

Já não ouço mais a tosse do Leôncio.

As nuvens se dissipam como por encanto, e a natureza viva e sorridente, transformada em sinfonia, num turbilhão de luz prossegue cantando a sua marcha serena e triunfal de todos os dias!

Parajuru, - Bordo do "GUARACIABA", 03/04/61.

## FALANDO À GRATIDÃO

GRATIDÃO, dada a sublimidade da tua excelsa significação, mereces um trono aurifulgente no encanto do vasto palácio do coração, onde habita tua irmã de alta linhagem – a CARIDADE.

Mas, assim não acontece.

Porém modernizam-se os tempos e grande parte da humanidade vai perdendo a noção da justiça e a consciência dos benefícios recebidos.

Enquanto a Caridade leva aos lares famintos e às almas necessitadas a exuberância do seu conforto, do seu amor e do seu carinho, tu, GRATIDÃO, que devias ser uma lâmpada perpétua a iluminar o caótico negror das consciências, muitas vezes não te manifestas e permaneces ao desabrigo dos corações beneficiados.

Não seja tímida, GRATIDÃO! Tu que possuis o extraordinário privilégio de ser um dos primorosos recamos da alma e mais bela e encantadora das virtudes, invade os escaninhos da consciência humana, entra à força, e de lá deixa cair o aroma bendito e suave de tua essência sobre as conchas pródigas e dadivosas das mãos dos benfeitores da humanidade.

Se todos te procurassem compreender, amar e guardar no oculto e precioso relicário do coração, esta vida seria um céu e a terra uma nova Canaã.

Verdade é que, alguns te sentem, mas bem poucos te sabem definir e expressar!

Como és sublime, GRATIDÃO!...

Aracati, 27/05/62.

## DOS FILHOS DO MAR A DOM JOSÉ MAURO RAMALHO

Dom José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago, esta é sem dúvida a mais humilde das homenagens que hoje ides receber dos aracatienses.

A mais humilde, visto que parte de uma anônima e sofredora classe: a marítima. De qualquer forma, ditada por sentimentos cristãos e saída do coração de gente que sabe sentir e sofrer em silêncio.

Conferentes, mestres de pequena cabotagem, marinheiros, estivadores e pescadores, todos pertencemos a uma só e mesma classe, possuindo no mar o nosso campo de labor.

Consoante atestam a tradição e os sagrados Evangelhos, foi de homens desta sacrificada classe que Cristo compôs os mais valorosos cooperadores do seu santo apostolado. Ora, sendo Cristo Deus, era, por natureza onisciente. E foi inspirado na sua própria e divina sabedoria, que achou por bem transformar aqueles modestos pescadores de peixes em eficientes e magnos pescadores de almas!

Por que assim agiu o divino mestre?

Porque, conhecendo os ingentes perigos do mar e a dedicação com que Simão Pedro e seus incansáveis companheiros se atiravam àquele árduo mister em que o heroísmo e o pão de cada dia mediui-lhes a bravura, aquilatou-lhes a lealdade e acenou-lhes com outra profissão, dizendo: "De agora em diante sereis pescadores de homens. Ide e pregai o evangelho a todos os povos."

Convosco, Dom José Mauro Ramalho, a vocação foi bem diferente. Convictos estamos de que foi no evangelho bendito dos seios maternos que recebestes o óleo sagrado da vossa primeira unção sacerdotal.

Ainda criança, ingressastes no seminário para aprimorar o vosso intelecto e depois receberdes a confirmação do sacerdócio que vos era um carisma inato.

Poucos meses após a vossa sagração sacerdotal, esta secular cidade de velhos sobrados de azulejos e casarões históricos; esta cidade-berço de vultos ilustres como Liberato Barroso, Adolfo Caminha, Paula Ney, Pe. Glicério da Costa Lobo, Monsenhor Bruno Figueiredo, Beni Carvalho e tantos outros, foi também alvo da insígne honra de vos receber e possuir, por seis ditosos anos como vigário.

Aqui chegado, nos encontrastes de alma e coração abertos; e neles soubestes penetrar tão fundo, e com tanta perícia plantastes a semente do amor e da gratidão, que durante esses breves anos da vossa vigaria vos considerávamos antes nosso pai que nosso pároco.

Com a vossa palavra fluente e arrebatadora, tudo fizestes e empregastes para o nosso bem estar e soerguimento espiritual. Combatestes a frouxidão dos costumes, aqui como em toda parte reinantes; dependestes o melhor dos vossos esforços em prol do crescimento da nossa fé e das nossas virtudes; com o zelo e a perícia de genuíno apóstolo profligastes a nossa tibieza e apatia religiosas, apontando-os a verdadeira senda da felicidade eterna; trabalhastes com tamanho denodo pelo alevantamento material de nossa cidade, que a magia do vosso verbo e o rastro luminoso das vossas ações se aninharam para sempre nos escaninhos das nossas consciências de paroquianos reconhecidos.

Em face da nossa gratidão por tudo isto, D. José Mauro Ramalho, aceitai a singeleza e humildade desta homenagem. Ela surge do íntimo das nossas almas de marujos, conferentes, estivadores e pescadores do município de Aracati.

Os nossos corações afeitos ao rigor das borrascas e aos bramidos do oceano querem no dorso frágil de lépidas

jangadas tangidas por brancas velas, quer no convés de inseguros bergantins; os nossos corações acostumados às rijezas do trabalho de estiva e aos golpes fatais dos acidentes a bordo dos navios cargueiros que escalam no porto; os nossos corações habituados a ouvir o ribombar dos vagalhões enfurecidos e os gemidos das tempestades nas enxárcias das nossas barcaças de pequena cabotagem, regozijam-se pela vossa sagração episcopal, mas lamentam e choram a vossa próxima e impressentida ausência.

Torna-se impossível pintar, neste dia agridoce, os desconstruídos sentimentos que se agitam no recesso de nossas almas. São ecos sonoros de brisas; sons de melodias astrais; clarões de luas da zona tropical; plangências de ondas a rolares na praia merencória do nosso destino espiritual; cantilenas de vento forte a sibilar no massame das nossas emoções; brancas e pesarosas nuvens voando lentas, com saudade do perito timoneiro que vai deixar a bússola do nosso pequeno brigue, para assumir o timão de uma nova e grande nau. São saudades dos simples, virtuoso e culto vigário de Aracati, e sentimento de admiração e estima para com o eminente bispo da Diocese de Iguatu.

É verdade, D. José Mauro Ramalho, que muito vos devemos, porém vós tendes uma dívida para com o Aracati: cá chegastes um simples capelão, e, por insondáveis desígnios de Divina Providência, ides sair bispo e candidato à santidade.

Perdoai-nos tudo que fizemos contra a vossa vontade, pois nossas resistências e teimosias não passaram de travessuras de crianças impensadas e traquinas.

Agora, nas vésperas da vossa partida, como prova do nosso incomum afeto para convosco, rogamo-vos dois grandes obséquios: quando a exaustão dos excessivos trabalhos da vossa novel diocese vos abater o físico inquieto e delicado, procurai, como colônia de repouso, a nossa e vossa salubérrima Aracati. Será isto um grande paliativo para amenizar as amargas saudades que nos deixais. Outrossim,

quando também for criado o nosso bispado, que não ponhais objeção em ser o primeiro bispo da diocese de Aracati.

São estas, D. José Mauro Ramalho, as palavras de despedida que vos dirigem e os pedidos que vos fazem os conferentes de carga, mestre de pequena cabotagem, marinheiros, estivadores e pescadores do município de Aracati – vossos eis paroquianos.

Aracati, 10 de janeiro de 1962.

## ASSOCIAÇÃO DA FAMÍLIA ZARANZA

No dia 27 de janeiro de 1996, encontrando-me em Fortaleza, e, na qualidade de convidado da distintíssima senhora Maria Edna Zaranza Cavalcante tive o prazer de participar da solenidade de posse da Primeira Diretoria da Associação da Família Zaranza ocorrida no Clube dos Oficiais da Polícia Militar do Ceará localizado na praia do Futuro. Gentilmente cedido pelo seu presidente, Cel. Ivan Macedo, cidadão de elevado nível e requintada educação para a finalidade que ali estava se realizando com muita pompa e entusiasmo.

Entre os familiares associados e vários convidados, encontravam-se naquele local cerca de duzentas pessoas.

A referida Associação foi criada no dia 27 de janeiro de 1995, passando a funcionar com uma diretoria provisória até começo deste ano, quando foi eleita sua primeira e legal diretoria que naquela ocasião estava sendo empossada na forma adiante discriminada:

Maria Edna Zaranza Cavalcante - Presidente

Onilson Pereira da Silva - Vice-Presidente

Liduína Maria Zaranza Cabral - Primeira Secretária

Aila Zaranza Lopes Sobreira - Segunda Secretária

Rocilda de Carvalho Zaranza - Primeira Tesoureira

Anésia Zaranza Lopes - Segunda Tesoureira

A brilhante solenidade teve início às 9:30 da manhã, com uma missa celebrada pelo virtuoso e culto Pe. Alcântara e animada por um magnífico coral fortalezense, que deixou a seleta assistência boquiaberta.

Após a leitura do Santo Evangelho, o renomado sacerdote proferiu uma bela oração, na qual, entre outros assuntos, teceu elogios à família Zaranza, pela iniciativa de ter

criado aquela associação, pedindo a todos que não deixassem morrer aquela instituição recém-nascida com tanto vigor e entusiasmo. Acrescentou ainda, o elegante orador, que na sociedade moderna reinaria mais compreensão e harmonia, se todas as famílias brasileiras criassem suas associações. Coroou a sua prática acontecendo um bonito elogio ao coral que animou o ato religioso.

Concluída a Santa Missa, dona Maria Edna, já de posse do seu cargo, cedeu a palavra ao Dr. Fernando Câmara, convidado especial e secretário da associação da família Saraiva Leão, que fez um belo pronunciamento a respeito de "Associação de Famílias" sendo secundado pela presidente recém-empossada, que fez uma linda alocução sobre os seus projetos ao timão da associação, prevendo, as dificuldades financeiras que irá sofrer, porque segundo explicou explicitamente, a família Zaranza é fraca em pecúnia.

Os oradores foram bastante aplaudidos.

No final da solenidade, foi servido aos presentes um lauto almoço regado de refrigerantes e água de coco.

Para mim que sou um Zaranza de coração, pois desde a minha remota juventude mantenho amizade com esta família, a solenidade em apreço foi de suma importância, sobretudo porque me ofereceu o ensejo de rever velhos e queridos amigos que há mais de vinte anos não os via, como Tarcísio Carvalho e dona Maria Consuelo, viúva de João Caetano Gomes e filha do mais culto e conceituado Tabelião que o Ceará já possuiu, que foi Ricardo Nunes de Deus, de saudosa e inesquecível memória.

Concluindo esse apressado comentário; parabenizo a família Zaranza e de modo muito especial à senhora Maria Edna Cavalcante Zaranza, que foi o pivô da iniciativa e do evento.

Aracati, 02 de fevereiro de 1996.

## ASSIM É A FELICIDADE

*Em homenagem ao Dr. Itamar Espíndola (In memoriam)*

Encontro-me em Majorlândia, no alpendre da casa de veraneio pertencente aos herdeiros de Luiz Primo Evangelista, meu querido genro de saudosa e inesquecível memória. Minhas filhas Régia, Vera e Soraia, o marido desta, Paulo Carvalho, e os meus netos Plínio, Sérgio Herculano, Henrique, Lucas, Fabíola e Flávia, todos em gozo de férias, ainda dormem. São precisamente seis horas da manhã. O Sol, imensa hóstia doirada, derrama longínqua fímbria do horizonte um turbilhão de luz, recamando de ouro os escassos flóculos de nuvens ao seu redor. Diversas jangadas de velas pandas, impelidas pelo fresco terral e tripuladas por hábeis profissionais, saltitam lépidas sobre as ondas do Atlântico, demandando a "risca", à procura do pão-de-cada-dia, e somem mar adentro.

Será certo o retorno de todas ao porto de origem?

-São tantos e imprevisíveis os perigos advindos desse afanoso ofício de pescaria em alto mar! O mais habitual e temido dos nordestinos pescadores durante meses de julho a outubro é o vento leste, com tremendas rajadas e causador de naufrágio de pequenas embarcações. Por isso, só Deus sabe se ao pôr do sol, aquelas frágeis jangadas, cujos pescadores partiram possuídos da fagueira esperança de apanhar o alimento de suas famílias, retornarão incólumes à pacata praia de onde zarparam.

Cinco ou seis urubus de asas negras como o pecado, cruzam o límpido espaço, mas, farejando, talvez, alguma carniça, logo desaparecem atrás do morro herdeiro do seu nome.

À distância, um garoto analfabeto, como são quase todos os adolescentes das pequenas localidades nordestinas, brada incessantemente: “Óia as tapioca! Óia as tapioca!”.

Em derredor, tudo é maravilhoso e lindo! O mar ligeiramente encrespado, o barulho das ondas bordando a praia de espuma, o céu azul claro, o cicio da brisa nas palmas adejantes do coqueiral, enfim, a natureza toda parece sorrir da magnificência de sua pompa, e, por isso, aqui edificou este suntuoso santuário para melhor cultuar o seu Onipotente Criador!

Eu, na euforia de poder contemplar e admirar este formidável panorama da natureza nesta localidade aprazível, tranqüila e ainda isenta da poluição das grandes indústrias, concentrado na solidão amarga de minha longa e pranteada viuvez, ponho-me a matutar sobre a FELICIDADE. Neste ínterim, ouço o ronco de um avião. Procuo vê-lo. Arregalo os olhos, vasculhando a infinita abóbada do firmamento descortinada sobre mim, e nada mais vejo além do infinito lençol azul-claro do céu, muito límpido e sem um pássaro sequer, a riscar-lhe a imensidão. Mas a aeronave transita por ali, sem ser vista por mim. Da altura a imensurável distância a esconde de minha vista octogenária e cansada. Todavia, ainda continuo ouvindo o ruidoso som dos seus motores distanciando-se cada vez mais. E nem sombra do objeto procurado...

A FELICIDADE TERRENA, segundo minha ilação, não passa de uma aeronave misteriosa, perdida no infinito firmamento das nossas ilusões: desejamo-la, procuramo-la sem a poder encontrar. E, se por ventura, alguma vez conseguimos alcançá-la, é, assim mesmo, incompleta e transitória como nossa própria vida material.

Aracati - Majorlândia- CE

24-04-95

## ESBOÇO BIOGRÁFICO DE RENATO COSTA LIMA CAMINHA

Renato nasceu no dia 9 de dezembro de 1907 e era filho do casal João Porto Caminha e Francisca Celi Costa Lima Caminha. Estudou na escola da professora romancista Francisca Clotilde. Aqui ele conviveu em companhia dos pais e quando já adolescente, sua mãe transferiu-se para o Rio de Janeiro levando-o em sua companhia. Lá o pôs a estudar num colégio dos melhores da antiga capital da República. Além de estudar, ele trabalhava numa firma comercial, cujo nome não me recordo, a fim de adquirir prática comercial, pois a intenção de seu pai era que ele voltasse à terra natal para assumir a gerência da firma, do seu genitor. Renato trabalhou também em São Paulo numa firma da família Acorsi. Depois de rapaz, já experiente em assuntos comerciais, retornou à sua cidade berço assumindo a gerência da firma Caminha & Companhia quando seu pai já cansado e idoso do trabalho transferiu-se para o Rio de Janeiro onde em companhia da esposa passou a viver.

O velho João Porto era comunicativo e tinha facilidade de conquistar as pessoas. Através de amizades arranjou a Agência da Companhia de Navegação Loyde Brasileiro P. N. para sua firma nesta cidade. A Firma Caminha & Companhia possuía salinas e, além disso, era arrendatária de salinas de outros proprietários como Major Bruno Figueiredo, Almeida e Vale, Raimundo Joventino, José Fernandes e outras deste município. Era também comprador de artefatos de palha de toda Zona Jaguaribana, produtos esses, tanto o sal como artefatos de palha, eram exportados para diversos estados do Sul do país.

Renato era gago, também como ele seu irmão Alúisio. Ele, Renato, administrava Caminha & Companhia com pulso forte e ao mesmo tempo com bondade.

Naquele tempo quando a cidade ainda não tinha calçamento, em época invernosa, andava ele passeando de automóvel e em certo trecho desta cidade o seu carro atolou em uma poça d'água onde o motor não tinha mais força de sair do atoleiro. Alguns trabalhadores viram sua dificuldade e foram ajudá-lo empurrando o carro. Entre os trabalhadores estavam Mantim e Pombo Roxo que também era gago. Este último falando perto de Renato foi mal sucedido, pois, o proprietário do carro que estava atolado supondo que Pombo Roxo o estava a arremedar deu-lhe uma bofetada. Mantim vendo isso perguntou: "Seu Renato o que foi que ele fez com o senhor?" Ao que ele respondeu: "Esse sujeito estava me arremedando". Mantim defendendo a vítima disse: "Seu Renato, ele também é gago!" Terminando o desatolamento ele gratificou a todos e pediu desculpas ao Pombo Roxo a quem deu mais do que aos outros vinte mil réis como forma de reparar a bofetada que lhe dera.

Renato era um ótimo patrão. A todos os empregados de sua firma que não possuíam casa própria ele emprestava o dinheiro para adquiri-la, empréstimo esse que, na maioria das vezes não era reembolsado.

Renato pagava na qualidade de bom católico, bolsas de estudo para rapazes que estudavam em seminário, alguns por falta de vocação desistiram.

A minha aproximação com Renato foi através do meu parente João Francisco Mares, arranjando o emprego de conferente a bordo de navios que escalavam no ancoradouro desse município.

O meu biografado era amigo do esporte e fundou nesta cidade o Clube de Futebol Botafogo, do qual foi técnico o paraguaio Comitante. Quando a seleção de Aracati ía participar de campeonato intermunicipal Renato financiava todas as despesas da concentração.

Renato, no meu ponto de vista, foi o homem de mais prestígio que eu conheci em Aracati. No tempo da Segunda Guerra Mundial, faltavam navios para receber sal e artefatos de palha para transportar para o Sul. Ele pegava um avião ia ao Rio de Janeiro, falava com o Ministro da Marinha e com o Diretor do Loyde Brasileiro e logo apareciam navios para receber mercadoria no porto de Aracati.

Houve um ano em que seu nome foi sugerido por políticos do estado para ser candidato a governador do Ceará.

Ele conseguiu autorização do Loyde Brasileiro para comprar barças a fim de transportarem mercadorias para os navios cargueiros. A finalidade da chegada dessas barças era gerar empregos para centenas de marítimos desocupados existentes neste município.

O biografado era um homem de bom coração, era procurado por algumas pessoas que lhe pediam ajuda para um doente. Ele sempre atendia com benignidade. Houve um caso, nome do beneficiado me foge à memória, que, Renato mandou deixá-lo em Fortaleza, num hospital custeando todas as despesas médicas e hospitalares. Tudo isso ele fazia sem esperar nenhuma recompensa.

O Reverendíssimo Pe. Manuel Antônio Pacheco, S.J. que foi vigário desta cidade por muitos anos sofria de uma hérnia estrangulada, e mesmo assim montava a cavalo para atender enfermos distantes da cidade. Um dia Renato lhe propôs mandar operá-lo garantindo ele, proponente, custear todas as despesas mas o Pe. Pacheco sacerdote sábio e santo recusou por modéstia a proposta.

O autor deste esboço, era caixa da Firma Caminha & Companhia, porém tinha como sua auxiliar a Srta. Irenice Freire. Certa vez Renato o tira das funções de caixa e o manda com o aviador Washington, proprietário e piloto do avião, para Camocim com finalidade de ali assistir a um embarque de sal que comprara ao Sr. José Parente. Acontece que o navio

demorou muito a chegar àquele porto. Enquanto isso a mulher do autor deste esboço ficou se fornecendo numa mercearia local. Quando o autor chegou o débito na mercearia já era de dois mil e quinhentos réis. Então ele foi à casa de Renato, lhe expôs a situação e pediu um adiantamento de dois mil e quinhentos réis. No dia seguinte assumiu o seu cargo de caixa e quando Renato chegou, cumprimentou-o e passados mais ou menos 10 minutos chamou-o ao seu gabinete e lhe entrega um cheque de 10 mil réis. O autor com o cheque na mão pergunta: "Para pagar o que Seu Renato?" e ele responde: "Você não me falou ontem?" Ao que respondeu: "Pedi dois mil e quinhentos réis." Então o generoso patrão retrucou: "Você tem meninos que só rato. Se eu lhe desse vinte ainda não chegava!" O autor, caixa da Firma Caminha & Companhia sendo filho de Manuel César de Moura (Mestre Maneco) que sofria do mal de Parkson e já estava um pouco demente; certo dia manda uma pessoa da família chamar seu filho para ir com ele tomar um banho de rio em pleno horário de serviço o mesmo começou a rir. Renato perguntou-lhe por que ria e obteve a seguinte resposta: "O senhor sabe que há quase sete anos meu pai está doente e agora mandou me chamar para acompanhá-lo a um banho de rio e eu mandei dizer que não podia ir naquela hora." Renato retrucou: "O movimento hoje está pequeno. Feche o caixa vá atender o chamado de seu pai, porque pai e mãe só se tem uma vez e porque quem mandou chamá-lo está doente." Disto se vê a generosidade do coração daquele excepcional patrão.

A falência de Caminha & Companhia foi uma falência política conseguida por pessoas que invejavam a popularidade de Renato e seu prestígio e foi forjada quando já estava assegurada a concordata da firma. A quantidade de sal existente nos depósitos da firma e quotas existentes no escritório, que desapareceram misteriosamente. Um rebocador levado para o Rio Grande do Norte e outros bens da firma eram suficientes para pagar as dívidas. Não quero citar nomes

para não ferir pessoas que ainda vivem e talvez já estejam pagando o que fizeram. Com a falência de Caminha & Companhia, agravou-se a saúde de Renato que foi para Fortaleza em dezembro de 1954 e lá faleceu cristãmente confessando-se e recebendo a extrema unção, tendo o sacerdote que o ouviu em confissão assegurado que ele fizera uma confissão bem feita e com boa disposição. Faleceu na Rua José Vilar nº 1.000 em Fortaleza aos 19 de junho de 1955 sendo sepultado no cemitério São João Batista no dia seguinte.

Deus, o Juiz dos Juizes, que julgou Renato na vida do Além, há de julgar os seus carrascos se é que ainda não os julgou.

## ASSOMBRAÇÃO

O caso que vou descrever ocorreu no lugarejo “Galego”, distrito de Fortim, do município de Aracati, há muitos anos, e o seu protagonista foi o sogro do meu amigo Dezembrino – Sr. Pedro Conrado, homem pobre, mas probo e, portanto, digno de fé.

A pequenina localidade “Galego” fica ao norte da “Pedra do Chapéu”, distante do Fortim mais ou menos um quilômetro e é habitada, atualmente, por três ou quatro modestas famílias de pescadores. A quem conhece bem aquelas paragens, é escusado dizer que a referida localidade é situada à margem esquerda do conhecido e às vezes violento rio Jaguaribe, e é lá que existe a gamboa dos Três Irmãos. A origem deste nome, segundo a tradição, provém do fato de, três irmãos estrangeiros galegos, ali terem morrido afogados quando pescavam.

Como se vê, tudo tem a sua história.

O Sr. Pedro Conrado, de saudosa lembrança, trabalhava na agricultura, porém, certas noites, em horas de marés propícias, costumava tarrafejar naquela praia, desde o recanto da Pedra do Chapéu até a “Casa da Pólvora” e, às vezes, até ao “Canto da Miséria”, a fim de conseguir, para o dia seguinte, o almoço de sua família, já que naquela época o rio Jaguaribe era muito piscoso, constituindo-se, por isso mesmo, em centro de abastecimento da população da graciosa vila de Fortim.

Contava o Sr. Pedro Conrado muitas vezes e não se cansava de repetir, que, certa vez, andava a pescar na mencionada praia do Galego, nas imediações da gamboa “Três Irmãos”, por volta da meia-noite, quando, inesperadamente, ouviu partirem de dentro d’água da dita gamboa três agudos e penosos gritos que quase lhe feriram os ouvidos e o encheram de pavor. Em face do inesperado e inexplicável acontecimento,

ele não quis mais esperar: colheu sua tarrafa, colocou-a no ombro e, pondo termo à pescaria, tratou de retornar ao lar. A lembrança apavorante do que ouvira pouco antes o obrigava a estugar o passo. Quase corria, mas continuava a escutar os ecos dos gritos se prolongarem através da escuridão da noite nebulosa, acompanhando-o. Já em meio caminho, aqueles gritos ainda o perseguiram e, como se fossem três coisas vivas e concretas que se desprendessem do espaço infindo que percorriam, foram findar dentro do velho tanque de alvenaria existente na Pedra do Chapéu, onde, revolvendo-lhe as águas, qual descomunal caldeirão fervente ou um grupo de seres invisíveis em luta, transformaram-se em tétricos e horrendos bramidos de choro e gemidos, apavorando ainda mais o aterrorizado pescador, que ia fugindo desde a primeira manifestação.

Embora eu não encontre uma explicação adequada para esclarecer tal fenômeno, creio honestamente que algo de anormal tenha acontecido naquela noite na gamboa dos Três Irmãos, pois o Sr. Pedro Conrado era um homem sério, simples e de inteligência vulgar, e, por conseguinte, incapaz de idealizar uma loa deste jaez.

## PROJETO POESIA NA SACADA

*Sob a luz que se lança em nosso casario,  
Vimos celebrar a poesia que é vida  
E não passa com o tempo.  
Vimos propor outros olhares  
Sobre a mesma matéria nua.  
Com a poesia de Herculano de Moura a sacada se ilumina.*



Primeira encenação do espetáculo "Memórias de Um Poeta Vivo". A partir da esquerda: Manuel Lima, Herculano de Moura, Emerson Gomes e Silvanise Ponciano. Fachada do Instituto do Museu Jaguaribano, Aracati-Ce. Foto: Murilo Maia.

O espetáculo Memórias de Um Poeta Vivo nasceu do encontro entre o Grupo Lua Cheia de Teatro e a poética de Herculano de Moura. Após anos de amizade, os atores resolveram propor um espetáculo que tivesse como imagem dominante o universo do poeta e seus conflitos. Inicialmente resolvemos celebrar a poética de Herculano de Moura, através de um recital poético sem fragmentação o que lhe daria uma unidade maior e a densidade de que precisávamos. Com o espetáculo, concluímos que o fato de estarmos na Rua Grande (Av. Cel. Alexanzito) de uma forma ou de outra valorizávamos seu casario, tendo em vista que as encenações se davam nas sacadas e fachadas dos prédios históricos.



Manuel Lima, Silvanise Ponciano, Emerson Gomes. Grupo Lua Cheia de Teatro.

Com o teatro de rua e sua dinâmica, percebemos a possibilidade de aproximação da comunidade aracatiense com o verbo que pronunciávamos na rua. A rua como espaço coletivo propiciara outros caminhos e o espetáculo “Memórias de Um Poeta Vivo” passou a ser o momento do encontro, de onde partiríamos com outros de mãos dadas rumo a realização de um sonho que já não era mais só nosso. A Rua Grande, museu a céu aberto, fora escolhida como espaço para nossa manifestação por vários motivos: Por ser o centro histórico de Aracati, referência presente de nossa história; Pela

possibilidade de estabelecermos uma ligação entre a obra do poeta Herculano de Moura e a história do Aracati, através do teatro de rua evidenciando características da ação do tempo sobre os bens culturais.

A experiência com o espetáculo "Memórias de Um Poeta Vivo", em janeiro de 2000, nos impulsionou a criar o Projeto Poesia na Sacada. O seu objetivo primordial é tornar pública a poesia aracatiense e nosso patrimônio arquitetônico tombado, evidenciando a sua importância com uma abordagem popular através do teatro de rua.

A memória cultural de nosso povo fora o referencial para o nosso trabalho.

Como lembrar algo que desconheço?

O espetáculo aborda de forma cênica as memórias do poeta, sua nostalgia e seu descontentamento.

A poética de Herculano de Moura (1914), fora escolhida para ser o nosso verbo. Amor, tristeza, revolta, temas que povoam seus versos, foram os sentimentos que utilizamos. Há uma poesia, no entanto, feita de silêncio. Todas as palavras que não puderam ser escritas nascem do conflito estabelecido no espetáculo.

A montagem cênica da obra de Herculano de Moura, através de um espetáculo de rua, estabelece uma aproximação do povo com a literatura. A história que contamos se projeta na participação de homens e mulheres que passam a ser atores de sua própria história.

Um sonho... Uma realidade...

Nosso eterno agradecimento aos que acreditaram na realização deste sonho:

Adriano Ponciano Virginio  
Ágda Barbosa de Almeida  
Ana Lúcia Pinto Tavares  
Ana Patrícia B. de Almeida  
Angélica de Lima Ribeiro  
Antônio Carlos R. de Lima  
Antônio José Silva Gomes  
César Olavo de Moura  
César Olavo de Moura Filho  
Cícero Pessoa da Silva Jr.  
Cosma Regina Oliveira Moreira  
Dione Costa Holanda  
Ênio Módena  
Erloneide de Oliveira Gomes  
Eurice Marques  
Fabíola Camurça Cavalcante  
Francisca Aldenira M. Barbosa  
Francisca Maria Oliveira da Silva  
Francisco Antônio Marcos dos Santos  
Francisco Carlos Maia da Silva  
Francisco de Tarso Ferreira de Moura  
Francisco Edson Ponciano Virginio  
Francisco Jacson Ferreira de Moura  
Francisco Jean Carlos dos Santos  
Gerarda Eugênia de Moura  
Hélio dos Santos Barros  
Iara Maria da Silva Jucá

Ivanise Ponciano Virginio  
José Correia Calixto Lima  
José de Souza Pinto Júnior  
José Helder Ferreira de Moura  
Lidia Freire de Medeiros  
Lindiberto Barbosa Batista  
Luis Antônio Lima Gondim  
Marcos Antônio Ponciano Virginio  
Maria Auxiliadora Rodrigues de Souza  
Maria de Lourdes de Freitas Segundo  
Maria Edilza de Lima  
Maria Edna Zaranza Cavalcante  
Maria Elenice Mendes  
Maria Ivanda Gomes de Lima  
Maria Jerusileide Sena Nascimento  
Maria Lúcia Carvalho Silva  
Maria Lúcia Farias  
Maria Régia de Moura Evangelista  
Maria Socorro de Matos  
Mirian Calixto Lima Gondim  
Nila Alves Monteiro  
Raimunda Lúcia Bernardo da Silva  
Raimundo Leontino Filho  
Ray Lima  
Rejane Maria Oliveira Moreira  
Silvanise Ponciano Virginio  
Soraia Maria de Moura Carvalho  
Stélio Torquato Lima

Tânia Maria da Costa Ribeiro  
Tereza Hermenegilda de Moura  
Thiago de Lima Sales  
Valdineza Barbosa de Moura  
Vera Maria de Moura Barbosa  
Vicente de Paulo Ferreira de Moura

## “MEMÓRIAS DE UM POETA VIVO”



Cena do espetáculo “Memórias de Um Poeta Vivo”. A partir da esquerda: Manuel Lima, Silvanise Ponciano e Emerson Gomes. Grupo Lua Cheia de Teatro/Aracati.

## **CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES**

### **10 de janeiro de 2000**

Evento: Exposição Luz de Canoa do fotógrafo Murilo Maia

Promoção: Instituto do Museu Jaguaribano

Média de Público: 100 pessoas

Local: Solar do Barão de Aracati (Rua Grande)

### **27 de março de 2000**

Evento: Dia Mundial de Teatro

Promoção: Associação Artística Cultural Lua Cheia (AACLC)

Média de Público: 70 pessoas

Local: Sede da AACLC

### **13 de fevereiro de 2001**

Evento: Lançamento da revista: "Roteiro para Preservação do Patrimônio Cultural-Aracati"

Promoção: IPHAN, Instituto do Museu Jaguaribano e Prefeitura Municipal de Aracati.

Média de Público: 120 pessoas

Local: Casa de Câmara de Aracati (Rua Grande)

### **16 de março de 2001**

Evento: Exposição "Verbo Herculano: Vida e Obra do Poeta Herculano de Moura (Abertura)

Promoção: Associação Artística Cultural Lua Cheia

Média de Público: 70 pessoas

Local: Sede da AACLC

### **23 de março de 2001**

Evento: Exposição "Verbo Herculano: Vida e Obra do Poeta Herculano de Moura (Participação do alunos do curso de Letras da Faculdade Vale do Jaguaribe-Aracati)

Promoção: Associação Artística Cultural Lua Cheia

Média de Público: 21 pessoas

Local: Sede da AACLC

### **27 de março de 2001**

Evento: Dia Mundial do Teatro

Promoção: Associação Artística Cultural Lua Cheia

Média de Público: 26 pessoas

Local: Sede da AACLC

### **30 de março de 2001**

Evento: Exposição "Verbo Herculano: Vida e Obra do Poeta Herculano de Moura" (Participação dos alunos do curso de Letras da Faculdade Vale do Jaguaribe-Aracati)

Média de Público: 29 pessoas

Local: Sede da AACLC

### **11 de abril de 2001**

Evento: Exposição "Verbo Herculano: Vida e Obra do Poeta Herculano de Moura" (Participação dos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará -Aracati)

Média de Público: 31 pessoas

Local: Sede da AACLC



**Mesa Diretora 2001 – 2002**

**Dep. Wellington Landim**  
Presidente

**Dep. Vasques Landim**  
1º Vice - Presidente

**Dep. José Sarto**  
2º Vice - Presidente

**Dep. Marcos Cals**  
1º Secretário

**Dep. Giovanni Sampaio**  
2º Secretário

**Dep. Eudoro Santana**  
3º Secretário

**Dep. Domingos Filho**  
4º Secretário



**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O  
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ  
INESP**

Presidente  
***Alberto Teixeira***

Gráfica do INESP  
Coordenação: Sidney Aragão  
Diagramação: Mário Giffoni  
Av. Pontes Vieira 2391  
Dionísio Torres Fortaleza Ceará.  
E-mail: [inesp@al.ce.gov.br](mailto:inesp@al.ce.gov.br)  
Fone: 277-2915  
Fax: (0xx85) **277-2914**



home page: [www.al.ce.gov.br](http://www.al.ce.gov.br)  
e-mail: [epovo@al.ce.gov.br](mailto:epovo@al.ce.gov.br)

home page: [www.al.ce.gov.br/inesp](http://www.al.ce.gov.br/inesp)  
E-mail: [inesp@al.ce.gov.br](mailto:inesp@al.ce.gov.br)



## **POR UMA CULTURA DE PAZ E NÃO VIOLÊNCIA\*<sup>1</sup>**

Reconhecendo a parte de responsabilidade ante o futuro da humanidade, especialmente com as crianças de hoje e de amanhã, ***EU ME COMPROMETO*** - em minha vida cotidiana, na minha família, no meu trabalho, na minha comunidade, no meu país e na minha região a:

- 1 RESPEITAR A VIDA.** Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar;
- 2 REJEITAR A VIOLÊNCIA.** Praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes;
- 3 SER GENEROSO.** Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica;
- 4 OUVIR PARA COMPREENDER.** Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e o rechaço ao próximo;
- 5 PRESERVAR O PLANETA.** Promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do planeta;
- 6 REDESCOBRIR A SOLIDARIEDADE.** Contribuir para o desenvolvimento de minha comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar novas formas de solidariedade.

---

<sup>1</sup> Manifesto redigido por defensores da Paz como Dalai Lama, Mikail Gorbachev, Shimon Peres e Nelson Mandela, no sentido de sensibilizar a cada um de nós na responsabilidade que temos em praticar valores, atitudes e comportamentos para a promoção da não violência.

Lançado em 2000 pela UNESCO, contou com a adesão da Assembléia Legislativa ao “Manifesto 2000” com a coleta de mais de 500 mil assinaturas em nosso Estado.